



**MEMÓRIA E ESQUECIMENTO
EM NIETZSCHE
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO**



**MEMÓRIA E ESQUECIMENTO
EM NIETZSCHE
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO**

2022 – Editora Uniesmero

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Autor

Sérgio Rodrigues de Souza

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Sérgio Rodrigues de Souza

Revisão: O Autor

Conselho Editorial

Ma. Tiaty Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729m Souza, Sérgio Rodrigues de
Memória e Esquecimento em Nietzsche: Um Estudo Antropológico / Sérgio Rodrigues de Souza. – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2022. 77 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84599-17-8

DOI: 10.5281/zenodo.5967906

1. Memória. 2. Esquecimento. 3. Nietzsche. 4. Estudo Antropológico. I. Souza, Sérgio Rodrigues de. II. Título.

CDD: 150.198

CDU: 159.9

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniesmero.com.br/2022/02/memoria-e-esquecimento-em-nietzsche-um.html>



MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM NIETZSCHE UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO

SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

“Se la esencia de la vida es la información en los genes, la sociedad y la cultura son también nada más que enormes sistemas de memoria” (GHOST IN THE SHELL 2 - *Innocence*, 2004).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
NIETZSCHE E A MÁ CONSCIÊNCIA.....	12
CONCLUSÃO.....	74
REFERÊNCIAS.....	76
O AUTOR.....	77

INTRODUÇÃO

Friedrich W. Nietzsche (1844-1900) é um pensador do Século XIX que figura entre os maiores gênios que já pisaram a Terra, em especial no que tange ao conhecimento relacionado aos seres humanos, à sua psicologia e suas perspectivas, sendo superado somente pelo filósofo grego Aristóteles de Estagira (384-322a.C.) e pelo jovem médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939), que veio a tornar-se o criador da Psicanálise e, admiravelmente, o principal responsável por torná-la uma ciência.

Diferentemente dos outros dois grandes pensadores [*supracitados*], Nietzsche não criou escolas nem seguidores em seu tempo, embora tenha tido vários amigos de peso como o Dr. Paul Rée e a imortal literata, e mais tarde psicanalista, a russa Lou Andreas-Salomé [*nascida Louise Von Salomé*]. Seu mais fiel amigo Franz Overbeck não seguiu seus passos. Quando analisa-se a posição deste na história de vida de Her Nietzsche, ele assume uma postura de tutor, sempre atento ao amigo que sabia muito bem não estar de posse das suas melhores condições físicas e psicológicas; isto talvez até mesmo porque a diferença que houve entre o filólogo, que vem a embrenhar-se pela filosofia como forma de suportar a sua misteriosa doença, a qual chamou de *sua sombra*, tenha representado de fato uma doença para si e não necessariamente a riqueza, a complexidade e a profundidade de seu trabalho.

Neste sentido, procura-se explicar que, em seu início de trabalho como professor, seus escritos eram longos e cadenciados; mas, à medida que suas crises tornaram-se mais intensas e passaram a ocorrer mais amiúde, seus textos foram sendo escritos de um modo muito enxuto e reduzido, o que todos aclamaram como uma forma nova de escrever: o aforismo.

Não se pode prescindir de que o próprio filósofo tenha dotado esta maneira de dissertar sobre as coisas da vida, dada a sua genialidade, porque sabia que seu tempo seria curto para exprimir em palavras representadas, por meio de sentenças longas, graficamente o que sua mente produzia em velocidade extraordinária.

Mas, o que detém aqui a situação é que quando analisa-se, de maneira profunda, os aforismos do *Professor Nietzsche*, percebe-se que há uma ampla incompletude nos mesmos, não que estes não digam muitas coisas com uma grande e profunda verdade, mas, é que são capazes, em suas nuances, de provocar uma discussão muito profunda colocando-o no campo da busca antropológica interminável sobre como, porque e quando o homem rompeu com seu sistema fantástico, natural, portanto, livre e começa a criar um sistema artificial de vida, que o tornou escravo de suas próprias criações. E é esta incompletude do pensamento nietzschiano que o faz ser considerado como um dos mais profundos e difíceis pensadores sobre o qual pode-se trabalhar uma interpretação acerca de seu pensamento.

O filólogo mistura-se amiúde com o antropólogo e debruça-se sobre as ideias dos pré-socráticos e a discussão dicotômica *physis-nomós*, fazendo com que uma estreita incoerência com o misterioso desperte a curiosidade no cientista envolto pelo amálgama da discussão pelo que ocorreu nas trevas da história humana. O que ia e vinha no espírito deste ser que, de mais indefeso, assustadoramente, em um tempo infinitamente curto, tornou-se o maior dominador em [*quase*] todos os espaços conhecidos, porém, Nietzsche coloca sobre este uma doença incurável que, em seus aforismos, não esclarece.

NIETZSCHE E A MÁ CONSCIÊNCIA

Nietzsche é, antes de ser um grande pensador da cultura, um filósofo; era um filólogo e mais perdido no tempo tem-se que era e continuou sendo, por toda sua existência, [*mesmo depois de sua partida*], um pastor luterano. Suas críticas ao moralismo social, se bem analisadas e bem interpretadas não são críticas e sim, sentenças que mostram que o homem não consegue viver sem estas, sob pena de entrar em colapso, porque depois de milênios de escravidão intelectual, ética e moral, já não consegue mais viver de modo livre, pensar de modo livre, agir de modo livre.

Através de uma doutrina que prometia libertá-lo de todo o mal que consumia sua vida, terminou transformado em besta selvagem, que se satisfaz em assim ser, porque haverá sempre uma figura externa a puni-lo; lógico que, com isto, a responsabilidade pela ação lógica e ilógica de todos não cabe ao próprio ser em si, que se torna, ao assumir tal atitude, um autômato.

No entanto, existe um estranho espaço acinzentado no pensamento humano que não suporta esta condição de vida em rebanho, em que o mestre dita todas as regras, a seu belprazer e distinção e, contrariamente, ao que se acredita, esta é a parte dominante da razão pura humana. Entretanto, com o advento da chamada civilização, todo o instinto de lobo solitário que sempre marcou a essência humana teve de ser suprimido, dando lugar a um ser que assume uma culpa trágica filogenética por um crime que não cometeu.

Assim que, afinal que doença é esta da qual fala o pensador alemão, mas não que não é apresentada ao leitor, que fez a criatura mais sinistra e bizarra render-se a seus suplícios? Nietzsche, assim começa sua clara dissertação aforística: “Se compararmos nossa maneira de viver com

aquela da humanidade durante [*muitos*] milhares de anos, constataremos que nós, homens de hoje, vivemos numa época muito imoral: o poder dos costumes enfraqueceu de uma forma espantosa e muito perigosa!”¹

Frederico Nietzsche fundamentou seus estudos e suas discussões na Antropologia e ao longo de suas explicações refere-se a uma doença que acometeu o homem de tal forma que, depois de contaminado, não conseguiu ver-se curado da mesma. Esta é uma ideia muito complexa, porque se a doença for a má consciência, isto já é estranho, porque se tratar o vocábulo dentro de um preceito semântico, a própria palavra *consciência* já significa *com culpa* [*culpa partilhada*], ou seja, ao utilizar a expressão *má consciência*, o filósofo está tratando a referida palavra dentro do preceito psicológico, ter noção dos fatos que lhe envolvem e não mais como um conceito filosófico, em que se pode presumir que a culpa partilhada, a culpa social é a grande doença que tem provocado o afrouxamento espiritual dos grandes homens e da sociedade como um todo, produzindo criaturas providas de um grau aviltamento moral em nome desta condição de culpa, sem questionarem o seu real de participação no evento trágico.

E, aprofundando ainda mais sobre uma tentativa de aproximação de um entendimento e de compreensão deste preceito, Nietzsche está dando um significado inteiramente novo ao termo, o que o transforma em um *significante*, atuando como um peso, uma violência contra o próprio indivíduo e que, dado a cultura religiosa do pensador, pode-se sintetizar a expressão como a representação de culpa, esta recebida como herança maldita.

O processo de evolução humana é algo bastante complexo, isto, principalmente pelo fato de que o ser

¹ NIETZSCHE, Friedrich W. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p. 22.

humano pensa de modo abstrato e aqui, esta expressão significa que reflete, que formula ideias e propostas, estando além do que se mostra como fato, estando na detenção de toda uma formulação ampla sobre seu próprio pensamento, uma vez que aplica sobre este o seu intelecto e o que daí resulta, novamente torna a aplicar princípios mais profundos de intelectualidade, em um processo infinito de ser e atuar sobre a natureza, sempre se lembrando do que realizou e, aqui é que se pode tomar o ponto de partida para análise filosófica, porque o surgimento da memória no gênero humano obedece a um princípio filogenético de garantia da sobrevivência do mesmo.

Como fora privado dos seus instintos e de grande parte de sua inteligência concreta, tornou-se um imbecil, mostrando-se incapaz de sobreviver em um mundo hostil como a natureza selvagem e, assim, foi agraciado com a capacidade de rememorar as ações passadas e gravar no pensamento tudo o que lhe ocorrera, de bom e de ruim.

A intenção da Natureza, ao conferir este tipo de poder aos humanos era para que se lembrasse dos lugares onde poderia buscar comida, dos perigos que estavam dispostos e assim criar estratégias para proteger a sua vida e a dos seus, dos frutos que poderia consumir e daqueles que se mostravam venenosos, dos animais hostis e formas de defesa antes utilizadas, auxiliando-o em sua lide pela sobrevivência na selva.

Acontece que, como tudo na existência humana é submetida ao escrutínio do intelecto, esta nova condição não ficou à parte por um tempo prolongado e os humanos encontraram uma utilidade para as suas lembranças, que foi a preconizada pela natureza; no entanto, não se parou por aí e sendo a cada vez mais possível trazer de volta as lembranças das façanhas, das conquistas, das vitórias, isto proporcionou-lhe felicidade incomensurável; só que, junto

com todas as lembranças de poder, vinham as de dor, sofrimento, derrota, perdas particulares e singulares o que coloca em sua trajetória a necessidade de manipular isto de tal forma que estas lembranças, que despertavam-lhe sentimentos estranhos, colocando-o na condição de medo de prosseguir na luta, fossem apagadas. Eis que cria o esquecimento, como uma forma de manutenção de sua economia psíquica.

A existência humana e todos os seus elementos *pathológicos* tomam uma direção nova a partir do instante em que se vê com capacidade para rememorar os fatos ocorridos e como isto passou a afetar sua vida individual e coletiva. Sentimentos como felicidade e tristeza, melancolia e angústia, falta dos entes que se foram começam a fazer parte do escopo existencial e com isto, serem produzidas fórmulas que pudessem combatê-las, até que, por fim, surge, como consequência nefasta, a partir do juízo alheio, o sentimento de culpa, levando o ser humano a adoecer com este impropério que é a consciência, ou seja, a admitir que não fez aquilo que se mostrava o suficiente para proteger os seus, sendo amaldiçoado por estas lembranças e, por isto, torturado até sua morte.

Interpretado o sistema humano condicionado pelo surgimento da memória e o que parecia ser uma condição de felicidade, dado que sua sobrevivência, como espécie ganhava um suporte adequado ao espaço hostil aonde vivia, de repente, transforma-se em desgraça, para a qual há que buscar um fármaco adequado e como sói de ser, sendo elemento produzido pelo próprio intelecto, em contraponto à natureza, havia uma falha, na mesma proporção que a memória; é que esta, ao ser revivida, trazia consigo, as lembranças felizes, como também as lembranças dolorosas; e, o esquecimento, ao apagar do pensamento todas aquelas

lembranças infelizes, apaga, também, as lembranças boas e tudo o que a elas faz referência.

Difícil dizer quando surge a memória no sistema ontológico humano; mas, uma coisa é fato, desprovido desta faculdade, o ser humano teria perecido em um lapso de tempo extremamente curto, a não ser que à medida que ela foi sendo aprimorada e assumindo uma estrutura auto didática na vida humana [*tanto individual quanto coletiva*], os instintos foram sendo esquecidos, especialmente, pela redução em seu uso contínuo.

Possivelmente, esta condição singular promoveu o sentimento de orgulho e superioridade humana sobre os outros animais, o que levou a que dedicasse, mais tarde, um altar especialíssimo à Memória, quando a religião e seus costumes dedicados a apaziguar o poder e a fúria da natureza precisavam que as fórmulas fossem recitadas com fidelidade absoluta ao ritual e, exatamente, neste sentido, o Esquecimento cai em desgraça, sendo considerado como uma maldição, uma praga, um defeito, devendo ser banido da existência humana e mesmo na atualidade quando se diz que se busca melhorar a capacidade mnemônica dos seres humanos, o que se está, de fato, tentando fazer é vencer um inimigo poderoso e que o cérebro humano se recusa a abrir mão, porque viver sem esquecer é, sob todos os aspectos filosófico-científicos e, ainda, organocerebrais, impossível.

Com isto, já se apresenta como argumento que, durante muito tempo a memória foi consagrada sobre um altar e não poderia ser olvidada. Mas, com as mudanças na estrutura da sociedade e aí, é um fenômeno que ocorre na Grécia, especialmente, na cidade de Atenas, com a queda do arcontado que, junto com ele, vai-se a religião e a fé nos deuses municipais, surgindo em seu lugar os sofistas e a adoção da escrita, como elemento de transmissão da cultura, o homem tornou-se capaz de adoecer por causa de

seus pensamentos; então, este ser *pathético*, viu-se, de imediato, obrigado a buscar um elixir que fosse capaz de aplacar sua angústia infinda.

Se, para Nietzsche, a força dos costumes originais fora dilacerada, então os mesmos caíram em esquecimento; pois, como ele coloca, fora o surgimento destes que transformou o gênero humano em um doente inveterado e insensato e, tendo que dar vazão a seus instintos mais brutais e selvagens voltou-se para a prática da agricultura e a dominação consciente dos sistemas de valor. Adiante, prossegue em sua preleção, argumentando que: “A má consciência é uma doença, quanto a isso não há dúvida, mas uma doença tal como a gravidez é uma doença.”²

Estranho esta alusão de Nietzsche, em que faz comparações entre a culpa e o estado de gestação de uma mulher, porque é através deste caminho que a fêmea se torna mãe e pode ser reconhecida como tal. Se tomar o mesmo sentido, é, na visão do filósofo, somente por este caminho que o homem se torna reconhecido como humano. Esta interpretação destoa sobremaneira da maneira como enxerga a vida humana em sua essência, porque é o domínio da atitude instintiva que faz o homem ser visto como tal e não como uma besta selvagem primitiva e este temperamento não se refere aí ao equilíbrio e sim, ao controle absoluto, sendo capaz de esconder e não mitigar seus sentimentos mais insanos e de desejos de vingança.

Por má consciência em Nietzsche, o entendimento e a interpretação são confusas e extensas, porque está se referindo aí a conhecimento de causa, portanto, culpa e, por que sente culpa? Esta condição somente pode ter surgido muito após ser dominado pela capacidade de pensar

² NIETZSCHE, Friedrich W. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Escala, 2007, p. 33.

abstratamente e de analisar as condições de ação, o que mostra que a capacidade de reflexão não é um preceito recente da história humana, sendo, portanto, um aspecto filogenético da espécie, porque não bastava lembrar do ocorrido; haveria que aplicar sobre o mesmo determinados juízos de valor e julgamentos, o que levaria, como consequência, a interpretações diversas sobre o ocorrido e a criar novas possibilidades, resultando em entendimentos sobre o porquê de não haver sido da forma como fantasiou, *a posteriori* e termina por culpar a si mesmo, pela inércia, pelo medo, pela incapacidade de pensar com tamanha transparência, em meio ao caos.

Graças à capacidade mnemônica desenvolvida a partir da capacidade de pensar intelectual e abstratamente, veio o juízo da culpa, trazendo consigo todo o arcabouço de tristeza e melancolia que passou a contaminar o espírito humano. A condição de poder criar estratégias de combate e de superação dos seus adversários, a partir de sua memorização, fez surgir, em conjunto, o medo deste mesmo adversário que, somente a sua lembrança já provocava calafrios.

Memória e culpa; esquecimento e ausência de culpa são interpretações emblemáticas a partir da compreensão do pensamento nietzschiano, exatamente porque estes sentimentos antagônicos, quando analisados em conjunto e consequentes, quando são analisados em separado, se mostram vinculados à essência filogenética da espécie humana e toda a genialidade de Nietzsche está em creditar a performance de ambos ao surgimento de um tipo de acréscimo na estrutura cerebral, sem que uma outra fosse sequer ameaçada, existindo como objeto de valor entre ambas a caracterização social do ser e do não ser, ou seja, em cada sociedade ambas terão valores diferentes e mesmo dentro de sistemas sociais, a cada instante da vida,

cada qual deles exercerá o seu peso como valor ou como maldição.

Mesmo que o esquecimento prive os humanos de lembranças incríveis de suas próprias existências e também daquelas que estão vinculadas aos seus filhos, netos e amigos, priva-o, de igual forma de lembranças dolorosas e que podem despertar a angústia e expor a condição de fracasso ante a vida que se experimenta. Da mesma forma atua a memória sobre os humanos, ou seja, nenhum dos dois elementos são seletivos, porque a essência da vida é a existência, i.e., a vida posta em movimento, representando o ser e o não ser e o desejo de ser, bem o devir, aquilo que poderá ser.

Lembrar da imagem de uma pessoa é uma tarefa difícil, porque a capacidade mnemônica cerebral é apenas de armazenagem do perfil individual, jamais de processar possíveis mudanças na estrutura ósteo-facial-corporal e, ocorre que, alguns traços sutis permaneçam inalteráveis e, com um pouco de tempo e bastante esforço mnemônico se possa identificar os detalhes e presumir que seja quem se crê que seja. Já o esquecimento acerca de determinada pessoa está vinculada à completa ausência de vínculo afetivo com esta em que o seu desaparecimento da memória não provocará nem despertará nenhum tipo de *Pathos*, o que já esclarece que ambos os sentimentos são marcados pela presença de dimensões *patológicas* que encontram-se fora do controle consciente de cada ser envolvido. Logo, já fica determinado que, quem decide sobre o que será preservado e o que será descartado da memória consciente é o inconsciente e o filtro que ele utiliza é a afetividade, o bem-estar e equilíbrio da economia psíquica; no entanto, em que dimensões isto ocorre permanece um mistério inalcançável pela via direta, cabendo a ele mesmo decidir quando revelar os seus motivos acerca do ato.

A ideia de que um ente desconhecido e que se mostra impossível de ser vasculhado, de modo deliberado pelo próprio ser e pela espécie que o detém, é o guardião da memória e do esquecimento é um desafio que precisa ser compreendido pelo homem e não que tenha que ser superado, a começar que tal façanha se mostra fora de seu alcance real, exatamente por não saber o que determina suas motivações mais intrínsecas.

O inconsciente sempre buscou preservar a história humana, respeitando todos os conceitos, os costumes e as tradições. Sendo assim, o que provocou a derrocada dos primeiros homens sobre seus sistemas? A isto tem-se uma resposta que, em eras muito distantes, o homem era uma criatura desprovida de qualquer condição de sobrevivência no seu mundo hostil, portanto, foi o medo o responsável pela continuação de sua existência, mesmo em condições reais de desfavorecimento.

Mas, o que o homem não possuía ainda aí, neste remoto período de sua história, era a capacidade de memória, tal qual a representa, na atualidade. Portanto, era uma criatura feliz, porque não havia o que remoer, nem de bom nem de ruim sobre sua situação e os fatos ocorridos. O cérebro reptiliano com cerca de 350 milhões de anos faz parte de uma condição de felicidade natural da qual o homem, supostamente, sente uma saudade sem fim, explicada, por exemplo, pelo desejo de retorno ao útero, que pode ser interpretado como a vontade de voltar a uma era em que não havia necessidade de sacrifícios e nem a lembrança que traz a comparação, o que valeu a Freud a dizer que a melhor fase da vida é a infância porque não tem uma anterior com a qual possa-se tecer quaisquer tipos de comparações.

Outra vez temos uma dissertação oracular, onde a fala é cabível de profunda interpretação, porque tem-se que

a comparação só é possível a partir da memorização e a possibilidade de mobilização daquilo que foi armazenado. Com isto, analisando em profundidade a expressão deste mestre tem-se que a infância é destituída de memórias [*lembranças de qualquer tipo*], o que faz com que seja uma *tabula rasa* de sentimentos, tal qual era o gênero humano das eras primevas e isto, porque o gênero humano é regido por princípios ontogenéticos e filogenéticos de evolução espiritual.

Até mesmo neste processo de amnésia na espécie em tenra idade reside uma enorme condição de suspeita. O que a *Physis* estará buscando manter oculta? Considerando que, “em tudo o que um homem deixa ficar *visível*, pode-se perguntar: o que estará [*de fato*] *escondendo*? Do que estará desviando nosso olhar? Que preconceitos estará provocando? E ainda: até onde vai a sutileza de seu fingimento? E nisso, onde se engana?”³

O mais interessante é que repete a sua natureza pueril na adolescência, através de um complexo processo ontogenético e quando chega à velhice, as memórias que o inconsciente lhe permite ter acesso são aquelas da sua infância, exatamente aquelas das quais não possui nenhum tipo de poder de comparação. E por quê?

Este representa um daqueles mistérios que o próprio Nietzsche afirmou não ser capaz de solucionar, porque o cérebro humano é uma estrutura desconhecida ao homem, uma eterna incógnita e, a cada vez que os cientistas se aproximarem de conhecer o seu funcionamento, ele vai criar novas formas de atuação, esta de tal conjuntura que lançará a todos na mais completa ignorância sobre si, mais uma vez.

³ Nietzsche citado por SALOMÉ, Lou-Andreas. *Nietzsche em Suas Obras*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 36.

Por este motivo que o ser humano se contenta com hipóteses sobre o cérebro [*mesmo as mais esdrúxulas*], sua estrutura e seu funcionamento e tudo o que alcança como resposta para suas indagações são a partir de deduções e não resultados objetivos, palpáveis e passíveis de serem repetidos no tempo e no espaço, dado a singularidade do fenômeno.

Não deter nenhum tipo de domínio absoluto sobre os processos psíquicos é uma afronta insidiosa sobre o espírito humano e, por mais que se tenha avançado na extensão deste conhecimento, muito pouco, sobre o que acontece, de fato, se pode dizer com segurança. A maioria dos cientistas e neurologistas agarram-se à ideia de avanços no campo das ciências eletrônicas para poder determinar graus de proporcionalidade em termos de ganhos em inteligência, capacidade de exploração do intelecto e outras façanhas que o desenvolvimento da eletricidade possibilitou. No entanto, nada disto tem possibilitado explicar *como* estes fenômenos acontecem dentro do mundo particular de cada um, o que os motiva e que mecanismos utiliza para processar toda a gama de ações e informações recebidas.

A memória, este ente que foi elevado à condição de divindade pelos gregos da Era Clássica, assim ocorreu não somente porque eles procuravam divinizar a tudo que lhes era desconhecido. Eles sabiam, muito bem, que o processo de lembrança dos fatos e fenômenos ocorridos não estava sob o domínio concreto da consciência humana e, por mais que se esforçassem havia os escolhidos que eram dotados de excelente capacidade mnemônica e aqueles que não eram e, fundamentados neste fato, tomavam, para si, o entendimento de que alguns homens eram agraciados pela Deusa com maior potencial para se lembrar de fatos e ocorrências.

Difícilmente, perceberam que ela ia se esvaindo ao longo da vida, porque a expectativa de vida de um homem era, relativamente, curta, ficando a descoberta ampla desta condição à Era Contemporânea, especialmente à segunda metade do Século XX, mais especificamente. Depois dos pensadores gregos, não houve no Ocidente, por um tempo infinitamente longo quem se preocupasse com o fenômeno da memória.

Foi com o desenvolvimento das tecnologias de ampla caracterização e potencial para armazenagem de dados que se precisou desvendar como a capacidade guardar dados na memória humana poderia ser reproduzida nas máquinas eletrônicas. Todo um arcabouço de conhecimentos sobre como o cérebro processa e arquiva os dados tiveram que ser preconizados e deduzidos e o que se conseguiu com as máquinas é algo espetacular, digno de maravilhamento; mas não se aplica tão perfeitamente com o pensamento humano, embora se possa ter muitas aproximações.

A diferença mais marcante é que, por ser uma elaboração mecânica, na máquina se utiliza protocolos concretos para que as mesmas vasculhem em suas respectivas memórias os dados a eles vinculados, porém, seguindo uma linha reta, binária, diretiva, objetiva, com respostas prontas, uma vez que, não se trata de não pensar, é que não existe vínculo afetivo com o objeto fornecido como objeto-alvo norteador da investigação. Com o ser humano ocorrem situações complexas e imprevisíveis, porque este é um ser que interage com seu mundo interior e uma única palavra-chave abre inúmeras possibilidades de situações que estão ou estiveram vinculadas àquela que foi posta como objeto-alvo investigativo.

Isto já deixa óbvio que a memória é uma condição antropológica, natural e inerente à espécie e realçada pela capacidade de expressão linguística, a verbalização do

pensamento e mesmo nos seres vivos, os cheiros podem despertar a condição de lembranças antigas, vinculando-as a coisas boas ou más. Os gregos da Antiguidade preferiram divinizá-la e o homem contemporâneo está tentando torná-la algo que pode ser manipulado a seu belprazer, conforme sua vontade deliberada.

Não é assim que funciona, porque o cérebro é uma instância humana otimizada a partir dos interesses da *Physis* e não do *Nomós*, a quem o inconsciente nem ao menos reconhece.

Pode-se ter encontrado e desenvolvido técnicas para melhoramento da capacidade mnemônica humana, mas dizer que se consegue manipulá-las ao sabor do desejo é nada mais que eufemismo. O que de fato se lembra e como se os expressa é sempre um mistério difícil de solucionar [se não, impossível de o fazer], porque não está no controle deliberado do ser, existindo forças incompreensíveis que moldam a forma como se apresentam ao mundo exterior.

Isto já deixa comprovado que lembranças sempre pregam peças nos humanos. Sua função básica é aliviar a dor ou mesmo aumentá-la; variando de acordo com o nível de sensibilidade do indivíduo. Como exemplo, tem-se que “[...] uma lembrança traumática, se caracteriza por não ser afetada pelas mudanças temporais, é como se retornasse sempre igual, não há elaboração possível, só repetição do mesmo. É como um sonho traumático, que se repete sempre igual.”⁴

Na colocação da autora, as variações de lembranças sobre os fatos ocorridos podem ser entendidas como mecanismos de proteção da saúde e da economia psíquica individual e, nos casos mais abrangentes como a proteção

⁴ GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 01.

da honra dos povos, em que a história cuida de retratar para os estudiosos do futuro uma versão adulterada dos fatos, exaltando a coragem e a bravura em alguns momentos e a misericórdia e a clemência em outros, tudo de acordo com os interesses políticos.

O que interessa, em todo este contexto, é como as memórias podem ser compreendidas como parte essencial de sistemas exponenciais de suporte à existência e, em que dimensão vai compor a estratégia de formação da estrutura personológica, destacando que a ação do tempo sobre as lembranças é um preceito da *Physis*, não cabendo ao ser humano o julgamento de que isto ocorre por fatores cognitivos e de caráter gradual da perda de domínio das faculdades intelectuais. O que está exposto por Goldfarb vai muito além e, como exemplo, cita a questão de uma memória traumática em que pesa sobre o indivíduo o medo e isto leva a que reveja o incidente sempre da mesma forma, sem alterações em sua composição.

A questão da lembrança permite que o indivíduo se vá amadurecendo à medida que revisita o fato ocorrido e vá analisando os fenômenos, de maneira detalhada, buscando compreender, melhor, suas causas e efeitos. Quando há impedimento de que isto possa acontecer, é onde se tem a determinação de um trauma efetivo, porque o agente se recusa a se por diante do fenômeno ocorrido e, por mais que saiba que deve fazê-lo, não encontra respaldo para tal. O que é rememorado é sempre o fato em si e a própria condição de impotência diante dele, o sentimento de vazio e de medo.

Possivelmente, este tipo de mecanismo intrínseco de imobilização e evitação de situações de perigo, a que na atualidade preconizou-se chamar de memória traumática, seja um sistema inconsciente de defesa contra perigos naturais, em épocas em que os seres humanos viviam sob

extrema tensão na selva e sujeito a desafiar animais e locais que suas forças seriam pífiyas.

Com o processo de evolução, esta condição foi sendo sublimada pelas novas estâncias da vida, agora, em boa parte urbanizada, mas os monstros apenas perderam os pelos, dado que a selvageria continua na mesma proporção e dimensão de ataque e anseios de oportunidade para desfecho de suas ações mais virulentas. O sistema mnemônico humano mais primitivo sobrevive mantendo a direção do espírito para a busca da satisfação egóica a todo e qualquer custo e uma destas formas de prazer é marcado pela aplicação da perseguição e da tortura às suas vítimas que, igual a eles mesmos, apenas perderam os pelos sobre o corpo.

O ser humano procura lembrar-se de sua existência e do que realizou de mais profundo, bem como não esquece, também das dores que sofreu ao longo de sua vida, como a uma forma de tentar evitá-las ou mesmo dramatizar uma condição de ser. O interessante é que, ainda que o discurso se mostre seletivo, o pensamento de quem o expõe não age da mesma maneira, porque para o cérebro, as lembranças não são seletivas e junto com as boas vêm também as ruins, as alegres e as dolorosas. É esta maneira de aprendizagem sobre a administração da felicidade e da angústia que permite ao ser humano atingir o seu grau de compreensão da vida e de sua existência.

Neste ponto, Nietzsche se mostra fantástico, porque ao longo de sua obra procurou apresentar o ser humano e todas as funções cerebrais como algo antropológico, do próprio homem, apresentado a ele pela *Physis* e, de uma forma estranha, esta mesma força bruta foi quem o ensinou a exercer sua ação sobre ela, não havendo como transmitir estes conceitos e mecanismos intrigantes a outros sem que estes *aprendizes* fossem iluminados com tal condição

misteriosa de potencial para aprendizagem, havendo, antes de mais nada o desejo de aprender e depois o incessante esforço de buscar o entendimento, a compreensão e, por fim, condicionar tudo à síntese e é, a partir deste momento que a memória vai ter a sua participação mais premente no processo evolutivo da espécie.

Há que esclarecer que a *boa memória* não é uma benção aos humanos; é uma maldição, mesmo que se procure somente lembrar-se de fatos ocorridos em que se obtiveram sucessos incontidos. Cada situação e cada acontecimento histórico são únicos, no tempo e no espaço, e, de nada adianta desejar reproduzi-los porque se há uma coisa que a natureza humana não tolera é o fingimento em nome da felicidade.

Lembranças são falsificações do ocorrido, porque o seu possuidor não pode alterá-las, uma vez que estas já ocorreram; mas, a mente consciente as representa sempre de uma forma que pareçam-lhe menos dolorosas e mais aviltantes, repletas de algum tipo de *glamour*. Esta questão de afastamento do objeto mnemônico é uma forma de o cérebro compreender, em suas minúcias, o que de fato ocorreu; os elementos tangíveis e inatingíveis envolvidos. No entanto, ver algo [qualquer coisa que seja] em suas essencialidades e peculiaridades é despir-lhe do véu de beleza e de encanto e, a vida sem este brilho, torna-se por demais áspera, situação que o inconsciente baliza em direção aos indivíduos e, de acordo com a capacidade destes em suportá-la, permite que tenham acesso ou não.

Segundo Goldfarb, a memória existe, simplesmente, porque existe o esquecimento.⁵ Deixa transparecer que se trata de uma condição de causa e efeito. Esta parece ser

⁵ GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

uma interpretação ingênua demais para um assunto tão complexo e ainda mais para alguém que estuda o assunto em profundidade. Se assim o fosse, fica a impressão de que tudo faz parte de um jogo dual à moda interpretativa da *Physis* dada por Hermes Trimegisto, em que tudo é duplo, apresentando o seu pólo contrário, como forma natural e normal de existência. Acontece que entre a memória e o esquecimento não dá para tecer uma correlação tão singela, porque cada qual assume um papel interessantíssimo na sua conjuntura filogenética individual e em sua relação com o ser humano, tanto no campo singular quanto universal, estando para além do individual e do coletivo.

Na própria compreensão e exposição deste livro sobre a *Memória e o Esquecimento*, já se evidencia que existe uma força desconhecida e que impera sobre os desejos abstratos, e esta mesma regula as medidas de ação de cada um deles sobre a existência humana, não sendo autônomos em decidir o que vão apagar ou o que vão por à luz do conhecimento, de modo deliberado. O mais sensato acreditar é que o esquecimento possui um papel muito mais preponderante na saúde e na economia psíquica que a própria memória, porque o volume de processamento de pensamentos diários que o cérebro humano realiza torna impossível uma carga de lembrança sem colocar em risco toda sua estrutura bio-psicológica.

A partir deste aspecto é que cabe uma interpretação silogística de que a estrutura cerebral humana foi sendo ajustada para permitir uma existência o mais equilibrada possível, mediando os espaços de vivência do que vai sendo agregado, marcando como essencial e/ou trivial, de acordo com a modalidade de vida de cada ser.

Não há como alguém determinar o que vai esquecer ou o que não vai esquecer e, diferente do que se pensa, a discussão termina aí, não no campo das possibilidades

daquilo que será lembrado. A grande sandice humana é crer que, mesmo não detendo poder sobre aquilo que apagará de sua memória, isto contando com a ajuda da natureza, poderá decidir sobre o que irá lembrar e quando descobre ser impossível administrar a situação entra em conflito consigo mesmo, adoece e lamenta.

Mesmo este lamento todo é uma marca de egoísmo e vaidade, ao descobrir que não detém domínio sobre suas vontades mais volúveis. O esquecimento é uma condição que possibilita ao ser humano seguir em frente, sem ser ferido de morte pelas dores que a existência lhe cravou diretamente e que, de posse de suas lembranças fieis, não arriscaria a vivê-las uma vez mais, não ousaria amar uma segunda vez a alguém que pudesse encantá-lo e com isto a existência humana iria se tornando acinzentada de tal forma que em pouco tempo, só haveria rancor para se sentir e não mais expectativas e sonhos.

Se assim pode ser interpretado, então, por que nos lembramos? Esta é a pergunta mais interessante e que por séculos, talvez milênios, muitos pensadores estão tentando auferir uma resposta plausível e sem conseguirem muito sucesso na empreitada. Ter memória, todos têm; o acesso aos fenômenos armazenados nela é que gera um contraste de compreensão sobre sua função e é quando não se consegue recordar de alguns fatos ocorridos e que foram arquivados, porque ocorreram, podendo até mesmo ser de maneira diversa da que se pretende fazê-los reais, é que se denomina-os de esquecidos.

Mas, é aí que aparece uma outra situação que desafia o entendimento e a compreensão, por qual motivo deixaram de estar acessíveis à lembrança? Que segredos guardam em seu íntimo, para que não possam ser trazidos de volta sem um grande esforço e, por vezes, nem mesmo assim, se faz possível? O que se esconde em seus espaços

mais profundos que a recordação destes não faria bem à economia psíquica do indivíduo? No entanto, é a não expressão verbal do ocorrido que se determina como esquecimento, podendo ser verdadeiro ou tão somente um jogo individual, a fim de evitar prolongar um assunto que não complementa em nada a alegria pessoal. Portanto, com relação às lembranças, há como se provar a veracidade do que expressa sobre a mesma, os excessos ou os recortes; mas, em relação ao esquecimento, tudo não passa de suposições ilógicas sobre as quais não se pode nem mesmo deduzir, com segurança, sobre sua dimensão.

Se o ser humano não fosse dotado da capacidade de esquecer, ter memória não faria o menor sentido, ao que Nietzsche apresenta sua argumentação de que “sem o esquecimento o mundo pareceria muito pouco moral. Um poeta poderia dizer que Deus colocou o esquecimento como guardião no umbral do templo da dignidade humana.”⁶

O que chama a atenção em tudo isto é que, até mesmo em relação a uma situação que exige análises tão complexas, tudo foi reduzido a um binarismo sem sentido, tornando a questão redundante e não mais tão ampla como deve ser e que, parece estranho que, depois de milênios que os gregos tornaram tudo complexo, a fim de que se pudesse alcançar o máximo de elementos que pudessem ser interpretados e assim, poder aproximar-se mais de uma compreensão mais ampla dos fenômenos, os pensadores modernos fazem, completamente, o caminho inverso e nesta tentativa de simplificação destrói o que de mais belo faz com que o ser humano continue sua jornada rumo ao saber, o desafio pelo saber e não somente a curiosidade limitada ao saber o que é e como funciona.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich W. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Escala, 2007, p. 23.

Existe uma crença pueril de que a capacidade de se lembrar das coisas, fatos e fenômenos não está em poder do ser humano, porque a capacidade de memória é afetada por uma série de acontecimentos diários, estes que podem dispersar a atenção do objeto de interesse. Isto coloca a memória na proporção de deusa soberana como os gregos acreditavam. Já sobre o esquecimento, a maioria fala sobre ele como se o ser humano deliberasse livremente sobre o que esquecer e aquilo que pretende conservar, de forma lúcida, por toda a eternidade. Não raro encontrar criaturas frustradas com isto, porque tentam, em vão, esquecer determinados fatos e situações, como pessoas também, sem atingir o mínimo de sucesso na empreitada.

Nisto, aproxima-se de uma dedução fidedigna de que ambos, tanto a memória quanto o esquecimento são instâncias psíquicas humanas que possuem seus próprios sistemas determinantes sobre a existência e, assim, o homem se descobre, mais uma vez que não é senhor nem de sua própria consciência, sendo esta regida por forças muito superiores a si e que não lhe dá maiores explicações porque assim o é e, também, porque assim atua.

Esta ausência de mais estudos antropológicos que retratem o ser humano em suas condições mais primitivas deixa lacunas que terminam preenchidas por ideias capazes de satisfazer a massas pensantes e não ao que, de fato, demanda a estrutura de conhecimento sobre o processo de construção e desenvolvimento da personalidade humana, em sua forma mais complexa. Está-se a tratar de dois componentes que, parecem antagônicos, mas que, se pensados, analisados, interpretados, compreendidos e postos em uma fina síntese científica, tem-se que são sincrônicos, cada qual, atuando como forma de proporcionar aos seres humanos a melhor forma de possibilitar-lhes a sobrevivência em um mundo completamente hostil e que

não apresentava [*ou apresenta*] nenhum tipo de garantia de que uma criatura tão frágil pudesse resistir por um tempo tão longo e ainda tornar-se senhor dos espaços que habitava e de outros que não ousava habitar, até ousar invadi-los e aprender com os erros que conseguia lembrar ou mesmo com os riscos que esquecia que existiam, parecendo que não se importava com o azar que o aguardava a cada nova aventura.

Cada indivíduo vai criar e recriar sua história e todas as aventuras que viveu, a partir do que consegue lembrar e esta condição está vinculada, de modo direto, a uma série de mecanismos muito particulares, como a capacidade que cada qual desenvolveu para lidar com os sucessos e insucessos que lhe ocorreram em diversas épocas de sua vida e como atua para refletir acerca de tais acontecimentos. Antes de mais nada, o próprio inconsciente individual já sabe qual a dimensão sobre a justa medida de recordações sobre a vida regressa que pode permitir acesso e até mesmo aqueles que estão à volta se cuidam com relação a que assuntos irão abordar, por não saberem, com exatidão, o quanto cada um consegue ou deseja lembrar e até mesmo esquecer.

O que parece ser uma condição bastante simples termina por ser uma tarefa muito pesada, porque pode vir a gerar um tipo especial de conflito em que de um lado, tem-se o desejo de apropriar de lembranças que, aos olhos de determinado indivíduo, em particular, foram boas e ele não conseguir realizar a ação e, da mesma forma, em sentido contrário, pode desejar esquecer uma experiência que lhe tenha sido dramática e que, por isto, passa a ser entendida por seu inconsciente como traumática e, termina por ser impossível de ser lançada no esquecimento, o que não possibilita o término da dor que tudo aquilo lhe desperta.

Livre deste conflito, o ser humano consegue manejar suas experiências de maneira a manter as mais felizes junto a si e afastar as dolorosas, crendo que com isto, tem a sua dose de alegria posta em quantidades que o permita viver para além de si mesmo. E, quando muito mais tarde, privado de alegrias corriqueiras e encantos que, no momento pareceram fúteis e cansativos, se enxerga como alguém que foi feliz, não pelo que realizou, mas com quem realizou, uma vez que não há mais possibilidade de se promover os acontecimentos referidos novamente.

Esta é a parte que Nietzsche diz que a culpa é a pior doença que o ser humano contraiu junto com a memória. Esta aceitação de que fora feliz em determinado momento sem o saber, soa mais como uma sensação de culpa por não ter aproveitado mais daquele momento, de ter se agarrado a ele com toda a alegria que fosse possível.

É neste sentido que se pode admitir que, “a memória é um conjunto de procedimentos que permite manipular e compreender o mundo, levando em conta o contexto atual e as experiências individuais, recriando esse mundo por meio de ações da imaginação.”⁷

Bueno já esclarece que a imaginação e a criatividade humana são postas a serviço do bem-estar humano, porque quando se aciona as lembranças que foram arquivadas na memória, busca-se criá-las e recriá-las ao modo que melhor possa fazer com que cada detalhe traga alegria e felicidade, sempre em comparação com que acontece no presente e talvez assim seja a justa medida do homem em relação à essência de sua existência.

Nesta apresentação do autor, supracitado, o que deixa transparente é que tudo aquilo que vem envolver a

⁷ Cf. BUENO, José Lino O. *Efeitos da sinalização e do não-reforçamento sobre o repertório comportamental do rato*. São Paulo, 1977. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

mnemósine e as recordações são fundamentadas nos modos de vida presentes de cada indivíduo e por mais que se queira admitir que esteja no controle de tal ação, o que vai ser lembrado e aquilo que vai ser olvidado depende de decisões que estão fora do alcance consciente de cada um. Situações muito complexas, porque extrapolam os simples limites da razão e como se tem possibilidades de evocar emoções sentidas em dados momentos e como interpretá-las à luz da sensibilidade e da razão objetivas? No fim, a questão se torna não o que sentir, mas como sentir.

Tomar as recordações como produto da imaginação é admitir que há negação no que, de fato, ocorreu. No entanto, se existe uma memória, um pensamento gravado e fundamentado na história de vida, o máximo que se pode compreender é que houve um floreamento de situações ocorridas e estas marcaram de tal forma a existência deste ser que necessitou passar por encantos que a distorcessem ou que mesmo que elevasse a sua grandeza natural. Isto cabe a cada qual decidir, não podendo ser objeto de discussão sobre a veracidade e nem os motivos porque tais coisas se tornam parte da vida como forma de ser. No fim, se parece mais a uma novela em que cada vez que se reprisa, existe uma necessidade de que uma nova emoção seja incorporada a cada capítulo, com o intuito de manter a motivação e o interesse, o que leva ao entendimento de que o cérebro humano desenvolveu mecanismos especiais para a busca e a manutenção da felicidade.

Pode-se interpretar, a partir deste entendimento que, sem a memória e sua capacidade de lembranças, o ato de existir seria muito enfadonho para todos os humanos, desprovidos de felicidade e de momentos especiais com que pudesse preencher os momentos de vazio em sua vida. A Natureza, em sua perfeição, quando dotou o homem de uma capacidade de raciocínio abstrato e lógica tomou todos os

cuidados para não fazer dele apenas mais uma criatura que vivesse sem sentido, pensando, raciocinando, criando coisas inusitadas e que mostrar-se-iam inúteis para si e para sua evolução, porque não recordaria para que e por qual motivo fora produzida e talvez nem se lembrasse de as tê-las feito, em algum momento.

Portanto, a memória surge como parte do intelecto abstrato ou para justificar a existência deste constructo, tipicamente, humano? Foi ela quem conduziu o ser à sua condição de genialidade ou apenas serviu como um impulso a mais no sentido de aprimorar o que já era extraordinário? Ao tentar responder a esta questão, pode-se introduzir no discurso e na interpretação a quantidade de maneiras que foram surgindo de se manter vivas as lembranças e a cada uma destas ferramentas inovadoras, desde a utilização das rochas como meio de gravar os acontecimentos e as lembranças, a criação de tábuas de barro, o papiro, o papel, as tábuas de madeira, as pinturas nas paredes dos templos, chegando à imprensa de J. Guttemberg e, por fim, à era da internet, onde os arquivos são guardados em componentes, na forma eletrônica de dados e a este mecanismo, dá-se o nome de memória, seguindo [quase] o mesmo preceito da estrutura humana de aquisição dos saberes e sua posterior armazenagem.

Foi sob esta condição de permitir que os indivíduos tivessem acesso a bens produzidos em momentos passados que levou os gregos a tratar a Memória como uma divindade e a cultuá-la. Seu valor torna-se incomensurável, tanto do ponto de vista estético quanto no aspecto intelectual, dado que possibilita às gerações do presente e às futuras um acesso positivo aos bens que os precederam e, a partir deste contato, elaborar mecanismos complexos de análise, interpretação e síntese, considerando que o elo criado não

pode ser rompido após a tomada de consciência de sua existência no tempo e no espaço.

Na interpretação de Golfarb, “a memória une o passado com o presente e permite que nos projetemos no futuro. Todo esse movimento une-se através do desejo que é como o fio que une as contas de um colar, que se não estivesse ali, encadeando as lembranças, seriam contas soltas e não um colar.”⁸

Do pensamento expresso pela autora, entende-se que a memória cria um laço de ligação com o futuro, a partir de sua vinculação ao passado, ou seja, se ela estivesse somente atrelada àquilo que ocorreu, não teria qualquer sentido a sua existência e todo o esforço que se impõe sobre a mesma, sendo gasto um dispêndio imenso de energia na tentativa de sua compreensão.

Quando ela aborda o tema do desejo, tem-se aí duas situações inusitadas, destacando a de que, com relação ao que se fez ou se deixou de fazer, existe a ânsia de corrigi-las nas ações futuras, não mais cedendo aos caprichos das ocorrências negativas e das decisões equivocadas e ainda satisfazendo desejos não realizados, por motivos diversos. De forma criteriosa, este olhar para trás não se mostra aleatório, seguindo uma vertente de construção de uma estrutura de personalidade *sui generis*. Novamente, está-se em uma encruzilhada, pois como seria caso o ser humano fosse privado desta faculdade particular?

Esta é uma daquelas perguntas de retórica que atravessam toda a lógica filosófica universal sem que se possa, sequer, aproximar-se de uma dedução, porque seria necessário encontrar alguém ou uma comunidade inteira que estivesse privada da faculdade mnemônica para se ter

⁸ GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 02.

condições de realizar comparações. Tudo isto conduz a um pensamento de que, a evolução epistêmica e gnosiológica, sobrepondo-se à condição filogenética é devido ao processo de lembranças que é dado ao ser humano. Sem a memória, muito possivelmente, não haveria qualquer tipo de avanço ou, para não crer que ficaria na mesma proporção que sempre, as adaptações às situações seriam muito lentas e o mais interessante é que, esta força humana passou a influenciar até mesmo outras espécies animais e vegetais, porque como os humanos se adaptam a uma velocidade surpreendente, alterando [quase] por completo todo o seu entorno ambiental, as criaturas que estão dividindo o mesmo espaço tiveram que adaptar seus processos filogenéticos a esta variante não conhecida da *Physis*.

A memória, se tomada, de modo inocente como se tem feito, entendendo-a sob o véu da lembrança dos fatos ocorridos, torna-se simplória e isto termina por deixar em aberto a possibilidade de que qualquer um pode definir os seus conceitos mais complexos, reduzindo-os a questões abstratas sem sentido e sem possibilidades de explicar a existência humana e seus mecanismos filogenéticos mais profundos, como a capacidade de gerações futuras se adaptarem a comportamentos que são de elevada dimensão estrutural.

Neste sentido, pode-se tomar, como fato, que a estrutura genética e toda a informação nela contida se caracteriza como grandes mecanismos de memórias que, desprovido destas, toda espécie viva estaria condenada ao desaparecimento, porque uma vida se mostra insuficiente para aprender tudo o que se faz necessário para superar os desafios naturais da existência. Por este motivo que os códigos genéticos carregam informações pertinentes ao espaço e atividades que todas as espécies, de gerações anteriores praticaram, auferindo, com isto, o mínimo para

sua sobrevivência, de maneira digna e confortável. Nisto, já se adianta que, não se trata apenas da condição de educação para que alguém venha adaptar-se a determinado ambiente; suas memórias genéticas contribuem de maneira preponderante para isto, facilitando todo o processo de adaptação e de domínio do meio aonde se escolheu viver.

Entendida sob este viés, pode-se deduzir que a memória foi mais uma construção da *Physis* em vista da necessidade de proteção das espécies existentes e não especificamente do gênero humano, sendo este o que garantiu a ela um modo *sui generis* de uso, devido à condição de abstração que o cérebro deste ser adquiriu ao longo do processo evolutivo. É muito interessante notar o quanto se torna complexo o estudo e a compreensão sobre a memória a partir do momento em que se começa a explorar suas nuances mais profundas, em que o ser humano deixa de ser o objeto central do estudo, o soberano sobre a existência de algo e passa a ser parte de um sistema que contempla, de maneira sistêmica, todo o cosmo e a vida nele presente e seus aspectos mais intrínsecos.

Nisto, surge uma questão de elevada complexidade sistemática: Por que se insiste em tratar a memória e seus processos sob um viés individual e pouco pragmático? Que paradigmas escondem o estudo da mesma fora da sua condição potencial capaz de explicar toda uma conjuntura que extrapola a própria existência e se limita a ela, de um modo paradoxal?

Muito comum, após longas análises sistemáticas de comportamentos de espécimes animais, ter-se a percepção de que tal comportamento é instintivo, como se fosse transmitido por via genética, adquirido e/ou desenvolvido em épocas remotas, muito distante dos tempos atuais e por um ancestral desconhecido em condições análogas e, a discussão terminar por aí como se não pudesse reportar à

compreensão de que o elo de vinculação entre aquele ser, perdido na dimensão histórica do tempo e este, no presente fosse a lembrança inconsciente sobre como atuar em determinadas situações e se comportar diante de perigos iminentes.

Com relação aos indivíduos isto se comporta de uma maneira mais abstrata e definida, de acordo com o que sente e como foi formado desde sua infância, tendo o ambiente epistêmico no qual cresceu influenciando sua forma de ver e sentir o mundo e, com isto, desenvolve um jeito peculiar de expressar suas memórias e os sentimentos a ela vinculados.

Goldfarb argumenta que “a história de um sujeito psíquico é a história de suas emoções, pois é a emoção que marca os fatos mais relevantes de nossas vidas. Aquilo que não nos afeta especialmente, é facilmente esquecido, e o que lembramos 10 ou 20 anos mais tarde é produto da emoção com que foi vivido e pode ser que não tenha nada a ver com o que aconteceu *de verdade*.”⁹

Esta é uma afirmação muito forte e que lança sobre o ser humano o peso de não lembrar-se dos acontecimentos mais relevantes de sua vida, a não ser que estes sejam distorcidos a seu modo e desejo mais íntimo. O que pode estar vinculado às reminiscências é o fato de que as emoções [*boas e/ou ruins*] provocadas e/ou sofridas em determinadas situações funcionem como motor para acionar as lembranças muito tempo depois e em alguns casos, mesmo para mantê-las vivas *ad infinitum*. Mesmo que o indivíduo adultere o ocorrido na situação descrita, sua mente sabe que está fantasiando, podendo ser de forma deliberada ou de maneira inconsciente, evitando tensões e sofrimentos

⁹ GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 02.

ou ainda, quando esteja tentando promover-se perante algum grupo de amigos ou rivais não declarados.

A primeira parte da construção do período narrado por Goldfarb revela aquilo que Goethe (1749-1932) afirmou sobre o homem, que não são seres racionais que sentem; mas, seres emotivos que pensam, que raciocinam e que, via de regra, nega sua condição emocional.

Ao se tomar o pensamento da autora como fato dado para a consolidação da estrutura personológica individual isto explica o porquê Nietzsche deixar implícito, em seus escritos, que culpa e memória andarem juntas e a primeira ser filha da segunda e estender sua crítica, com extrema ferocidade sobre o Cristianismo institucionalizado que, nada mais fez que, para além de civilizar o ser humano puro e selvagem, domesticou-o, castrou-o, fazendo dele qualquer coisa, menos um homem concreto.

Como Freud afirma, durante o processo evolutivo, todos os sentimentos primitivos mantiveram-se vivos e acesos, soterrados sob uma capa de conceitos, preceitos e preconceitos, que tornaram todos os processos existenciais de eras primevas como absurdos e atitudes bestiais, devendo ser condenados e expiados sob severo castigo moral, despertando a dor e carregando um fardo do qual não se poderia mais libertar-se, porque aquilo que realizou e despertou-lhe o prazer, o êxtase, já está condenado pela civilização; logo, a culpa não é produto de sua reflexão e nem do que sentiu em relação à ação que praticou; mas, da existência de leis que condenam, não o que se fez, mas que condena a alegria, a satisfação, a felicidade.

Este, talvez, seja o motivo porque o ser humano nunca esqueceu seus tempos primitivos, porque a liberdade que dispunha e que gozava, não apenas para fazer o que lhe aprouvesse [*com maior amplitude que a criatura mutilada do presente*], como também para não ter que se

preocupar com as consequências do que fizera, para si e para os outros. Para o entendimento dos contemporâneos seria como se perguntasse se, não possuíam consciência e a resposta seria ambígua e complexa, porque se toma tão conceito na acepção de que se importa com o que possa acontecer com o outro, tem-se como resposta que não e se toma ta conceito como a noção de conhecimento sobre o que estava a fazer, a resposta é que estava obedecendo a um instinto, a um prazer que lhe fora concedido pela natureza. Em ambos os casos, a noção de culpa não poderá existir, porque não haverá motivos para se lembrar do ato com amargura ou pesar e mesmo porque não existe uma tradição que os obrigue a tal sentimento.

A memória seria este conjunto de sentimentos amontoados e imbricados com tudo o que aconteceu e como levou ao despertar de emoções, as mais variadas. Quanto mais experiências vividas, mais ricas e densas são as memórias de cada um; no entanto, o que determina a potência com que serão trazidas de volta à consciência é o impacto que provocaram quando de sua ocorrência ou quando de sua análise posterior? Pode, ainda, que um acontecimento, aparentemente trivial, depois de ser, de maneira hábil, submetido a um severo escrutínio se mostre pesado e conflituoso, o que faz com que, após esta leitura, o indivíduo o tome como algo relevante e a cada vez que o faça vir à tona, o faça preencher-se de características as mais intensas.

Esta é uma característica, tipicamente humana e não estranha que muito se escreva sobre ela e mesmo nos tribunais, testemunhos sejam questionados com extrema veemência quanto à sua veracidade, dado que cada um pode inferir, de várias maneiras, nos relatos sobre os acontecimentos, tendo como variável independente o seu estado emocional despertado pelo ocorrido ou provocado

por sua visão particular e singular de mundo. Resta o entendimento de que, tecnicamente, não se pode confiar naquilo que a memória oferece como verdade, pelo simples fato de que, “o lembrado é sempre depois do acontecido e nesse [*lapso de*] tempo que passa entre o acontecimento e a recordação, a pessoa vai vivendo, vai mudando, vai adquirindo novos códigos de análise das coisas e, em certo ponto, quem lembra [*do ocorrido*] não é a mesma pessoa que protagonizou aquele acontecimento agora lembrado. A lembrança vem *só depois* do acontecimento e esse tempo transcorrido muda muita coisa.”¹⁰

Este hiato pode modificar o que se sentia, com relação ao ocorrido e não o próprio acontecimento, em si. As narrativas pessoais podem estar ou vir a serem maculadas e/ou distorcidas, mas não impede que, em sua essência, continuem existindo como fato dado, impactante a tal ponto que persiste na memória consciente, não tendo sido banida para o espaço da memória inconsciente e este é um tópico que merece ser compreendido de forma especial, depois de intensos estudos, análises, deduções e conclusões, porque o fato de algo ser banido da consciência não significa, simplesmente, que era banal ou sem sentido, podendo assim ter agido o cérebro humano, em defesa da economia psíquica individual.

Esta condição, *sui generis*, é muito comum de ser encontrada em crianças que foram vítimas de violência, agressões, ataques sexuais, em que torna-se muito comum a presença do sentimento de culpa, junto com todos os outros que passam a dominar seu espírito. Cita-se aqui, crianças como exemplo, mas pode-se estender a [*quase*] todas as vítimas, em sentido amplo. Talvez este seja o

¹⁰ GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 02.

motivo porque o Grande Nietzsche diga que a culpa é uma doença trágica, específica humana e que corrói o espírito, não deixando espaço para nenhum outro sentimento que não seja a dor e a angústia e que depois disto passe a buscar a redenção, como forma de reparar um crime do qual não pode ser julgado, nem considerado como culpado; mas, um dos principais sintomas desta doença é provocar tais crises, condenando o doente ao sofrimento eterno.

A memória humana, quando se forma, no conjunto psicológico, não se prestou a isto. Os interesses da *Physis* eram bem outros, mais preocupada com a conservação da espécie, o que já esclarece que o fato de os seres humanos terem sobrevivido e se tornado dominante do Planeta não foi obra do acaso e nem mérito puramente seus e de sua capacidade intelectual. Muitos constructos que foram sendo-lhe proporcionados garantiram que pudesse sobressair sobre uma condição hostil e muito pesada e uma destes componentes foi a sua capacidade de lembrar-se de coisas, de modo abstrato, o que conduz a pensar que, desde seu surgimento os seus instintos *naturais* não poderiam ser tão refinados, pelo menos no que se pode deduzir com relação à transmissão hereditária, como acontece com as outras espécies animais.

Esta conjectura sobre a capacidade de transmissão das potencialidades instintivas humanas é um ponto a se discutir, porque sendo o gênero humano, já desde seu surgimento, uma criatura incompetente, no que se refere ao potencial de sobrevivência, em meio à selva e outros animais rapaces, haveria que, ou compensá-lo com alguma estratégia que o possibilitasse sobreviver ou o próprio ser buscou desenvolver uma capacidade de desenvolvimento intelectual, uma acurácia maior que todos os outros seres e isto o levou a tornar-se inteligente, o que trouxe junto consigo inúmeras outras condições, entre elas a capacidade

de se lembrar do que havia realizado, considerando que ausente esta condição não poderia, jamais, ser considerado inteligente; suas criações seriam meras obras do acaso.

Com o atributo da memória, o ser humano poderia avaliar a sua criação, os pontos fortes e fracos desta, em que havia colaborado para a melhoria de sua vida, quais os passos havia seguido até alcançar o devido sucesso no desenvolvimento da matéria e, desta forma, planejar novas etapas, através da correção dos detalhes que tornavam sua criação não tão adequada, como poderia parecer ou crer, às necessidades que iam apresentando-se-lhe como inerentes à sua vida.

Neste ponto, faz-se aqui, referência ao conceito de memória, a capacidade de armazenar informações, de modo consciente e/ou inconsciente e não somente a condição de lembrar-se dos fatos e dos fenômenos ocorridos na vida individual e coletiva e também na natureza, em que alguns são testemunhas oculares e, após testemunharem a dada situação-causa, cuidam de repassar tais informações a outros em momentos distintos e estes, que já não detém o valor da visão do ocorrido relatado pode prestar atenção às ocorrências futuras, como forma de observar se o fenômeno pode se repetir e em que condições específicas.

Portanto, foi a memória que possibilitou ao homem tornar-se um pesquisador acurado e, enquanto não deteve outra forma de comunicar, à posteridade, os seus achados, o fez através do discurso oral, da verbalização de suas ideias e sínteses até que se cria a escrita e a memória assume uma nova dimensão, onde se pode mantê-la viva *ad aeternum*, transcendendo as fronteiras do tempo, motivo porque as bibliotecas e os arquivos históricos dos povos dominados foram os primeiros a serem saqueados e/ou destruídos.

As lembranças subjetivas estão sempre sujeitas a mais manipulações que aquelas que são registradas nos autos. Nem sempre estas adulterações se dão por mero capricho, outras vezes são; mas, o que conta é a carga emocional que elas encerram intrinsecamente, e que, por isto, contribuem para construir a identidade de poder das nações que descendem destes povos. Os poemas épicos retratam esta dimensão, em que um herói ou um povo batalha entre deuses, contra deuses e ao lado de deuses e todo um enredo fantástico é construído até que se cria uma conjectura de lembranças que marca a existência de um determinado povo e de seus indivíduos.

Mas, afinal, o que são lembranças? Cada pedaço de algo que marca um sentido, que pode ser considerado como melhor ou pior, ao ser arrebatado das profundezas da *psiqué*. A fim de reduzir o sofrimento e não como forma de sobrelevar a felicidade as pessoas dão um matiz dourado aos poucos momentos de alegria, transformando-os em situações sublimes.

Segundo F. Nietzsche, a lembrança representa um grave defeito orgânico-psíquico no gênero humano. Em sua concepção, ela representa uma deformidade que fere de uma maneira ou de outra.¹¹ Se são boas em tempos de dor representam uma fuga do real; se ruins em tempos bons, um comparativo para tonificar e exaltar um momento que já começa a perder seu sentido de ser.

É impossível imaginar uma existência ausente de lembranças, sejam elas boas ou ruins. São estas que dão a tônica que vai balizar as conquistas futuras, os anseios e os planejamentos, porque gostando ou não, a vida é marcada por comparações e cada uma delas vai determinar aquilo

¹¹ NIETZSCHE, F. *Da utilidade e do inconveniente da história para a vida*. São Paulo: Escala, 2008.

que se pretende desejar que ocorra ou mesmo que não ocorra.

O desenvolvimento e, de maneira consequente, o desenvolvimento da memória foi uma tarefa que custou muito caro ao ser humano, porque não bastava lembrar-se dos fatos e dos fenômenos ocorridos e observados; havia que estabelecer elementos de vinculação, de análise e de entendimento, por vezes, não sendo possível compreender a situação vivenciada/experenciada, mas, ao menos obter o mínimo de apropriação intelectual sobre a mesma, para assim poder armazená-la e evocá-la com maior velocidade quando solicitada. Nisto se insere a questão da curiosidade e do interesse individual.

Um ditado muito comum é o de que, a maioria se lembra [*ou não se esquece*] de situações desagradáveis. Ocorre que, várias destas podem ter colocado o indivíduos em posição desvantajosa ante seus pares ou mesmo em risco de vida; logo, trata-se de uma forma de segurança contra determinadas passagens que se deseja evitar, a todo custo, mas que sabe muito bem que são passíveis de se repetir em dados momentos.

A questão sobre a memória e como ela age e reflete a vida é, ainda, complexa, porque não interessa apenas que seja capaz de lembrar de algo, há que demonstrar fidelidade nesta ação, como a exata localização do ocorrido, as datas, os envolvidos, as circunstâncias fenomênicas e causais, procurando descrever tudo com o máximo de detalhamento, com isto, assegurando confiabilidade ao que está sendo apresentado. Assim, a condição de lembrança deve sempre estar associada a elementos concretos, tangíveis, estes que possam auferir seguridade a quem dela dependa.

No processo evolutivo humano, utilizou-se demarcar as lembranças através de diversos fenômenos naturais que aconteciam, de modo independente da vontade humana,

levando os indivíduos a cruzarem informações e a confirmar suas hipóteses à medida que avançava em direção a uma estruturação cada vez mais complexa de sua vida social e esta exigia dele um investimento mais intenso no domínio sobre a natureza.

Com o aprimoramento da capacidade de lembrar, o ser humano podia deleitar horas e horas evocando as cenas e situações ocorridas, elaborando e buscando mecanismos de entendimento sobre o porquê de tal condição e como havia superado ou como poderia superá-la em um novo confronto, ou seja, seu intelecto estava sendo posto a serviço de sua prosperidade e de sua sobrevivência, uma vez que através deste ato preparava estratégias que o auxiliassem na sua luta contra seres mais bem adaptados e mais poderosos que ele.

Da mesma forma, pensava artifícios que o permite evitar o famigerado esquecimento, porque, em meio a um ambiente hostil e cheio de situações de perigo iminente, tal situação poderia significar a sua morte. Por exemplo, um rio infestado de candiru, jacarés e crocodilos e outros animais ferozes e/ou peçonhentos que não se sentiriam intimidados em atacá-lo, deliberadamente. A partir daqui, já se tem que a condição de olvidamento nunca uma situação foi bem vista pela sociedade, mesmo aquelas mais primitivas e a plena capacidade de lembrar-se dos fatos e fenômenos sempre foi perseguida e privilegiada, de modo incontestável.

Este ser o motivo porque se defende, ao longo deste trabalho, a ideia de que o estudo da memória seja tratado como um componente antropológico, estando voltado para o entendimento do surgimento primitivo desta e sobre seu conseqüente processo evolutivo como um mecanismo muito complexo e tipicamente humano, sendo que a única coisa que a natureza, realmente, provocou intervenções foi no quesito de provocar pressões, postas pela necessidade de

superar os inconvenientes que estavam e que continuam envolvendo a existência humana na Terra, como um animal, ainda despreparado para compreender, de modo autêntico, as transformações do meio.

Isto faz com que a capacidade de se lembrar das coisas e acontecimentos seja uma forma de sobrevivência e não um luxo ao qual uns poucos se dêem a satisfação de possuir e gozar de seus benefícios mais diretos. A este respeito, M. Chauí argumenta que o fato social exerce influência sobre a memória, partindo do pressuposto de que “o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar.”¹²

O argumento apresentado pela autora é o de que a memória é impulsionada pelos acontecimentos políticos [históricos], aqueles criados pela sociedade, como também por aqueles que são fenômenos naturais, sobre os quais nenhum ser humano detém o menor controle, como as intempéries, as catástrofes ambientais, os cataclismos e outras ocorrências que não constam no calendário social, mas que entram para os anais da história, por causa da violência que impactam a vida de todos, de modo direto e indireto.

Muito possivelmente, fora as causas naturais de eventos, um dos maiores responsáveis pela construção de uma memória de longo prazo no gênero humano, porque

¹² CHAUI, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987, p. 30.

pode que, à primeira ocorrência, não a tenha considerado como um fenômeno cíclico e a religião antiga apenas o tenha advertido de que se tratava de um estado de fúria dos deuses, bastando que realizasse sacrifícios e libações que tudo se resolveria *a contento*. Não funcionando este artifício, surgem os estudiosos que associam os acontecimentos a ciclos, investigando entre seus pares e em outras regiões, a fim de identificar a universalidade do fenômeno, coletando dados a partir do que os habitantes destas se lembravam, o que proporcionou as primeiras fontes de questionamento empírico para se construir um calendário de eventos naturais e a formação dos novos governantes das tribos, das fratrias, das Pólis, mesmo que continuassem a crer na fúria cega e iracunda dos deuses, sabiam exatamente em que datas realizar os procedimentos sacrificiais, a fim de evitar danos aos seus espaços. O calendário era marcado pela memória, uma vez que ainda não existia o papel e a escrita, considerando, ainda, que o primeiro é criado em consequência do surgimento do segundo.

Com o advento do surgimento da escrita e do papel, tudo em relação à memória e seus preceitos sofrem reveses os mais incompreensíveis [*e até inaceitáveis*], porque ela continua sendo necessária, mas não se tem-na mais como atividade-fim da construção do sacerdote, em que este já não necessitava mais guardar em sua cabeça todo o ritual e qualquer acidente que viesse a ocorrer durante a celebração deveria ser repetido na próxima, porque nada era acidental; a vontade divina havia colocado aquela situação inusitada em meio ao caminho do Arconte, logo, era desejo soberano da divindade que assim fosse representado.

Tudo o que se podia lembrar era ainda não mais que o suficiente para a realização cerimonial, uma vez que toda a vida era devotada ao culto aos antepassados e aos deuses. Toda a condição de memória ficou reservada a um

único fim, sem permitir que a utilizassem para inovações e aplicações de seu intelecto puro sobre o que se havia já produzido. Lógico que não houve tal proibição, *ipsis litteris*, mas, todo um escopo de cerceamento quanto ao que se podia inovar ou não fora imposto, sem consideração ao potencial intelectual de cada um. Tudo que fosse criado seria lembrado como obra dos deuses e não de humanos.

O que desperta a atenção é que, assim *deveria* ser lembrado pela posteridade e mesmo os escritores mais contundentes da Antiguidade cuidaram de reproduzir esta ideia, tal e qual se tomava como essência, em seus respectivos tempos. Possivelmente, porque havia todo um respeito pela cultura que se buscava preservar, não necessariamente uma crena naquilo como verdade. Ainda hoje, são aqueles que reconhecem o trabalho alheio como produto do próprio indivíduo e assim os reproduzem; mas, quando se vai questionar a estes sobre suas construções e sucessos, atribuem a milagres e a forças divinas e, desta forma, cuidarão de se lembrar pela posteridade.

O sentimento de poder lembrar é uma sensação indescritível, da mesma forma que a sensação de esquecer pode ser a mais prazerosa; isto vai depender do contexto em que se situa o indivíduo, porque o esquecimento pode, em alguns casos, permitir que a vingança seja posta de lado e uma emoção peculiar não tome conta do ser, quando se sinta vingado, quanto à desonra sofrida em algum momento passado. Por este motivo, Nietzsche dizer que, sem o advento do esquecimento, o homem pareceria pouco ético em suas considerações para com os outros, especialmente, para com os mortos.

A constituição do processo de memória é, muito além de cultural, uma sentença particular, em que coisas boas são arquivadas e esquecidas, da mesma forma que acontecimentos fatídicos são arquivados e rememorados à

exaustão, ainda que não se toque no assunto, o que deixa uma impressão de que fora olvidado. Estas estratégias humanas, a fim de se evitar a dor ou para não deixar transparecer o desejo mais sombrio de violência contra o agressor é uma tática que não pode ser percebida pela simples causa de se ter uma boa memória ou não. Há que ser verbalizado, todo o sentimento, para se poder chegar a tal compreensão e este é um jogo complexo que, via de regra, o indivíduo despreparado, perde.

Antes de possuir o sistema límbico, este que é o responsável pelas emoções, pode-se deduzir que todo ser humano era uma criatura inerte, se comparada com o que é na atualidade, onde sente, chora, ri ante um sucesso e, esperneia ante uma frustração, manifestando de uma forma, socialmente aceita, o seu desejo íntimo de destruir o seu rival. Mas, é muita presunção pensar que os humanos, em algum momento de sua existência, estivera desprovido de sentimentos complexos e que este tipo de situação venha a surgir tardiamente, devendo antes ocorrer o surgimento de uma determinada instância cerebral que pudesse fazer surgir este determinado comportamento. Este tipo de crença é, por demais, cartesianista.

Parte-se agora do pressuposto de que antes de desenvolver o córtex ele reagia a seus instintos de ira e prazer indômitos como bem lhe prazia, não havendo contra ele nenhuma sanção, uma repressão sobre si, direta e/ou indireta, o que o fazia sentir-se indiferente, porque não havia um mecanismo que o forçasse a refletir sobre o que havia procedido.

Mas, como todas as perseguições, as agressões, o sofrimento, o medo que vislumbrava estampado no olhar da vítima colocando-o como um ser supremo na cadeia animal, ele passou a ter lances de imagens daqueles momentos voltando-lhe ao encontro nos momentos de repouso e mais

tarde, com o surgimento e desenvolvimento da fala, o ser humano já era um doente melancólico, o que deixa a dúvida em saber que mal foi pior a ponto de provocar-lhe a tão terrível doença a que atribui o sábio alemão: se a má consciência, se o costume e conseqüentemente a expiação dos males causados pelos habitantes das tribos, o que entraria em contraste, porque como nos relata Freud, havia tribos que uma vez seus integrantes terem saído em campanhas de guerra, não poderiam adentrá-la sem antes passar por um poderoso ritual de purificação. Fato contrário ocorria em Esparta que uma vez tendo saído em campanha de guerra um homem não poderia adentrar a cidade, caso não houvesse matado um adversário.

Aqui, trava-se um confronto insano com o poderoso Nietzsche em que o esquecimento da tradição, no primeiro caso, faria a cidade tornar-se impura e impregnada de assassinos frios; e, no segundo caso, por impor suas leis castradoras, a polis teria um bando de covardes. Daí, tem-se que a memória também foi adaptada convenientemente à medida dos costumes e valores de cada tribo.

Mas, neste embate de ideias, o que adota-se como valor fundamental ou mal inevitável e/ou necessário: o esquecimento ou a memória? Tomando, como *leitmotiv*, para análises, as ambíguas afirmações de Nietzsche, a memória criou uma doença incurável e impiedosa sobre o gênero humano, a má consciência, termo utilizado pelo tradutor para não referir-se diretamente à culpa, uma tentativa tupiniquim de suavizar o pensamento do Mestre Alemão; mas, o que fica patente é que a própria memória é que representa a doença em si. Tem-se mais, ela é uma criação estritamente inumana, antissocial, portanto, natural.

Como reação natural contra a *Physis*, o homem criou, a seu próprio modo, uma forma de negar esta doença que passou a assolá-lo e a assombrá-lo como um amálgama

terrível. Produziu, então o esquecimento, que é antítese da ação mnemônica. Antes de haver o córtex, não havia consciência nem necessidade de costumes que porque como não havia consciência, automaticamente, não havia suas variantes, como a má e a boa consciência. O ser humano lembrava-se tão somente para sentir alegria ou para buscar a sua justiça, que seria na forma de vingança. Observa-se que até isto é produto da origem da memória ou foi utilizada como mecanismo de defesa para justificar suas ações contra seus inimigos.

Possivelmente, com seu surgimento, os humanos passaram a sentir-se mais infelizes. Ela representou o pior dos castigos já infligidos ao homem pré-moderno e como forma de compensação pela sua dor, a natureza nutriu-lhe de um artifício extremamente poderoso que foi o dom do esquecimento, que representou um avanço na sobrevivência da espécie enquanto tal e da manutenção da economia psíquica. Isto porque permitiu-lhe continuar a vida isento de tristezas e com a capacidade consciente de modificar seus pensamentos, com vistas a evitar a angústia, a memória passou a ser caracterizada como algo de extremo valor, chegando ao extremo de ser aclamada como uma deusa: a Mnemósine, pelos gregos.

Mas, uma vez que a memória passou a ser utilizada como ferramenta motivadora da suprema felicidade, houve necessidade de criar o seu contrário que foram os tribunais de acusação. Enquanto que a mente do agressor trazia-lhe lembranças modificadas quanto ao seu ato, a das vítimas e seus familiares provocavam-lhes dores atrozes, o que, como forma de expiar o mal teve que ser combatida pela justiça interventiva contando com o apoio da memória daqueles que de uma forma ou de outra participaram do fato.

Nietzsche vai argumentar que, “a *má consciência*, a mais sinistra e mais interessante planta da nossa vegetação

terrestre, *não* cresceu nesse terreno. De fato, por muitíssimo tempo os que julgavam e puniam não revelaram consciência de estar lidando com um *culpado*. Mas sim, com um causador de danos, com um irresponsável fragmento do destino. E este, sobre o qual, também parte do destino, se abatia o castigo, não experimentava outra *aflição interior* que não a trazida pelo surgimento súbito de algo imprevisto, como um terrível evento natural, a queda de um bloco de granito contra o qual não há luta.”¹³

Nietzsche apresenta uma construção da condição de culpa do criminoso, julgado culpado por algum tipo estranho de delinquência, como se ele fosse impelido, de forma misteriosa para executar tal tarefa e não que houvesse um planejamento, uma lembrança de algo imputado em sua existência, da qual não conseguia sentir-se livre sem a execução da vingança contra o seu algoz temporal. Ou ainda, este delinquente fora escolhido ao acaso para justiça, porque aquele [*ou aquilo*] que fora vilipendiado em seus direitos naturais, cometera algo, também desprezível em sua história e isto ficara escondido; mas, não para as mãos impiedosas e transparentes do Destino, de quem ninguém escapava, sem a devida e justa punição.

Com o surgimento da memória, esta situação muda e o homem sequestra dos deuses, esta condição de punição, em que, na atualidade, existe o jargão de que a memória eletrônica permite o resgate em tempo recorde daquilo que o delinquente deseja que todos esqueçam. Tem-se, assim, que todo o desenvolvimento e aprimoramento que se pretende sobre a memória e suas funções cognitivas são produto da ação antropológica do próprio ser em si, em sua

¹³ NIETZSCHE, Friedrich W. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Escala, 2007, p. 30.

busca por transformações de seu modo de vida e condições existenciais.

Tomando este caminho como o mais propenso ao entendimento da origem da memória e de suas funções cognitivas, mesmo que não seja um sentimento, é acionada a partir dos mesmos [*porque vinculada a eles, de alguma forma*], ou seja, se determinado acontecimento não desperta qualquer tipo de emoção no indivíduo, muito possivelmente não guardará nenhum tipo de recordação, sendo esquecido antes mesmo de sequer ser submetido ao processo de transferência da Memória de Curta Duração para a Memória de Longa Duração.¹⁴ Isto não implica que o fato não seja arquivado, de alguma maneira misteriosa, no inconsciente e que possa, em caso de terapia cognitiva, haver restauração de tal lembrança; apenas que para o indivíduo o ocorrido, naquela determinada situação, isto significou muito pouco ou nada em absoluto.

Com esta inferência, tem-se a confirmação de que a memória está, diretamente, ligada às emoções sentidas, vividas e experienciadas, pelo indivíduo, em situações existenciais conflituosas, favorecendo a ocorrência das lembranças, com maior ou menor intensidade. O que se percebe é que dentro de um dia de 16 horas de vigília, pouca coisa tende a provocar o espírito humano a ponto de ser levado a extremos e isto impactar sobre sua condição de memorização dos fatos ocorridos. Talvez para o homem primitivo, a vida e a existência fossem mais contagiantes,

¹⁴ A memória de curto prazo, ou de trabalho, mantém a informação verbal (córtices parietais e Área de Broca) ou visuo-espacial (múltiplos córtices) por um determinado tempo desde que seja representativo para o indivíduo, por exemplo, armazenar a informação de um número telefônico. Já a memória de longo prazo é usualmente fruto da consolidação da memória de curto prazo seletiva e pode ser classificada em implícita ou explícita (BEAR et al., 2008). **Fonte:** BEAR, M.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. *Neurociências: Desvendando o Sistema Nervoso*. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, pp. 585-615.

porque as caçadas eram sempre marcadas pela produção de adrenalina, em ritmo constante, por causa do perigo e das estratégias de captura da presa, o que leva sempre a que voltava para casa, lembrar-se dos momentos imersos na aventura da caça e de tudo o que fizera e/ou passara e, mais tarde, criar sobre estes momentos de batalhas contra um inimigo imaginário histórias fantásticas que gostava de contar, inúmeras vezes, para seus amigos e para seus filhos, fazendo-o lembrar-se de sua bravura como caçador.

Tem-se assim que, o homem selvagem fora quem mais aprimorara o sentido da memória, por ter uma vida cheia de aventuras e dificuldades que, aos seus olhos, eram situações desafiadoras e que, na sua velhice tornavam-se sentimentos de orgulho pelo que tinha realizado quando jovem. Ao contrário da existência moderna, em que tudo se limita a seguir um trajeto seguro e linear, de casa para o trabalho e vice versa, sua caça mais violenta e perigosa é a de escolher o tipo de carne animal que deseja consumir, preso a um ambiente controlado por horas a fio e por décadas intermináveis, nada há que possa despertar seu entusiasmo para memorizar o que lhe acontece, porque tudo acontece da mesma forma, [*quase*] sempre. Por este motivo singular, não espanta que a capacidade de memorização das pessoas tenha decaído tanto e a maioria reclama que não consegue lembrar-se, efetivamente, das coisas, dos acontecimentos e, por fim, das pessoas, especialmente destas, porque não só a vida vai se tornando ridícula, como todos, junto com ela e isto leva ao desprezo emocional, onde ninguém [*ou pouquíssimas pessoas*] consegue mais encantar as outras.

Eis que se coloca uma medida para que não se incorra no risco desmedido de cair em esquecimento, o de fazer com que seja interessante para alguém ou para a maioria, porque ser fator de interesse para todos é [*quase*]

impossível. Sobre isto, vemos os grandes heróis clássicos e épicos, em que suas aventuras são lembradas e narradas à exaustão, não porque são repetidas em inúmeros veículos, mas pelo fato de serem narrativas extraordinárias, capazes de despertar emoções que levam os leitores/ouvintes destas ao êxtase, a buscarem compreensão sobre o que fizeram, como fizeram, porque fizeram e o que os motivaram a agir de tal ou qual forma.

Memória e Esquecimento são dois conceitos que, quando buscados em tentativa de compreensão dialética, mostram-se mais complexos e difusos, dentro do contexto lexical que, à primeira vista, possam parecer e nisto, surgem as oportunidades e as necessidades de se agregar as interpretações das várias ciências humanas e seus ramos que vêm estudando o ser humano por milênios, a fio, sem conseguir auferir uma resposta que satisfaça, de modo efetivo às indagações postas. Ausentes tais mecanismos de esclarecimento, alguém criou uma forma de explicação que encaixasse no perfil de satisfação, a partir do óbvio e, como não houvesse quem questionasse tal colocação, isto passou a ser tratado como verdade.

Trazendo a discussão para o campo da originalidade dos sentimentos, se o homem fosse capaz de esquecer de seu passado livre e sem fronteiras; se o caçador tivesse a oportunidade de esquecer de sua esposa e seus filhos, não haveria brigas nem confrontos ou seja, “esse *instinto de liberdade* tornado latente à força - já compreendemos -, esse instinto de liberdade reprimido, recuado, encarcerado no íntimo, por fim capaz de desafogar-se somente em si mesmo: isto, apenas isto, foi em seus começos a *má consciência*.”¹⁵

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich W. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Escala, 2007, p. 32.

A vida doméstica, sedentária em excesso, conduziu o ser humano à reflexão sobre o que havia feito em sua época gloriosa e, muito possivelmente, suas memórias o traíram e, encontrou felicidade e remorso no que havia provocado aos seus iguais, repercutindo sobre seu espírito, de forma negativa e violenta, algo que precisa ser destruído, porque o homem queria negar isto; mas, já não podia, suprimido pelo dever moral, o que distorceu a percepção do ser humano sobre a memória. Nascia, aí, o sentimento de culpa, alimentado pelo sentimento de piedade para com os fracos e vencidos em batalhas sangrentas clássicas e históricas.

A culpa fez surgir um homem trágico, que tornava enfraquecido ante a vida, passando a educar a geração seguinte para ser comedida em suas ações e a não orgulhar-se mais delas e mesmo as histórias de sucesso e arrogância que os adultos da vila contavam mudaram completamente, adulterando as lembranças sobre o que, de fato, havia ocorrido e/ou praticado contra os vencidos. Este é um detalhe muito comum que aconteceu com a população da Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial, em que a memória de toda a população foi distorcida a ponto de nenhum alemão lembrar-se de ser antissemita, de ter denunciado judeus ou de ser simpatizante ao regime Nazi e em suas memórias, eles tinham até protegido alguns perseguidos pela *Gestapo*¹⁶.

Muito possivelmente, foi a partir do processo de civilização que este sentimento começa a ser implantado no

¹⁶ A Gestapo era a polícia secreta do Estado Nazista. O termo Gestapo é um acrônimo que deriva de German Geheime Staatspolizei (Polícia Secreta do Estado). Ela era responsável pelo combate à contra-espionagem e a ações criminais contra o Estado Alemão ou o Partido Nazista. Esta força policial era diferente das demais, pois ela não respondia a quaisquer tipos de controle legal ou judicial, podendo levar a cabo ações brutais e inescrupulosas sem receio de quaisquer repercussões civis. Foi oficialmente criada no dia 27 de abril de 1933, por Hermann Göring.

espírito dos guerreiros e, ato contínuo, os humanos mais fracos e decadentes o endossaram, com extremo fervor, uma vez que garantiam-lhes uma condição de existência menos insegura, o que não é verdade, porque a força bruta e a subjugação da presa sob intensa violência, após uma longa e emocionante caçada, ainda é uma lembrança que provoca saudades, até mesmo em quem nunca a tenha experimentado de fato, o que apenas revela que, dado o estado de desenvolvimento filogenético do gênero humano, os sentimentos mais distantes na memória da espécie não são apagados e sobre esta situação em particular, pode-se afirmar que toda o êxtase que dominava o antigo caçador despertava um estado de felicidade e emoções múltiplas tais que, passados muitos milênios, não foi capaz de sublimar, de forma eficaz. A prova disto são as constantes rebeliões nos presídios, as caçadas armadas a bandidos perigosos, as guerras e guerrilhas, as diversas lutas carnívoras entre esportistas, os linchamentos, entre outras atrocidades que, quando realizadas em bandos, tendem a esgarçar qualquer possibilidade de sentimento de culpa; não porque não houve um crime premeditado, mas porque a massa se torna o indivíduo, o ser e, como ela é uma coisa bruta e acéfala, não existem quaisquer memórias, não havendo como existir quaisquer lembranças, apenas a consideração da ação de justiça ou em nome de algum ideal, considerado como nobre pela sociedade.

Neste sentido, para as massas não existe a condição do esquecimento, simplesmente, porque não há memórias. Nenhum indivíduo imerso no contingente massivo pode auferir a si o luxo de sentir algo distinto do que pensa todo o conjunto no qual está inserido. É como se sua situação humana fosse reduzida a um brutal estado de decadência intelectual, onde, além de não pensar, é proibido de tal categoria de pensamento e assim, não tendo memórias para

persegui-los, não há nenhum sentimento agregado, logo, não existe nenhum tipo de culpa aliada a si e à sua história de vida, apenas o prazer de ter agido, não ficado inerte e, com isto, ter feito justiça a quem merecia e que não podia vingar-se. Um sentimento de prazer e de elevada nobreza é agregado ao ato, para que, caso venha a ter lembranças, estas sejam distorcidas e assim, não desperte a sensação de culpa.

Tão logo surge, no ser humano, o sentimento de culpa, sendo inculcado em seu espírito como uma forma de redenção, o esquecimento passa a ser um objetivo a ser alcançado e, estranhamente, isto é uma outra questão mais complexa, ainda, de ser desenvolvida e elaborada, porque quanto mais se esforça para apagar da memória os fatos ocorridos, mais estes são reforçados por ela, elevando a carga de sentimentos negativos em relação aos fatos, forçando a distorção dos mesmos, criando, com tal atitude, um homem abstrato, carregado com ideias abstratas e lembranças de mesma intensidade. Assim nasce um ser doente e decadente, que jamais encontraria uma cura para o seu mal e, à medida que o tempo foi avançando, mais isto foi sendo incorporado ao sistema existencial humano, até que se chegou à implantação do cristianismo oficial e do catolicismo que impôs toda esta condição miserável de vida como forma de equilíbrio emocional, em que o ser humano não pode esquecer de sua culpa (sic) ou, deve fazer-se culpado para receber o perdão divino. Produziu-se, com isto, um aleijado espiritual e emocional.

Como forma de condicionar o ser humano a uma situação de subserviência à autoridade espiritual, passou a utilizar a memória como arma de controle emocional e a isto Nietzsche classifica como uma *má consciência*, até porque dentro de um preceito semântico, o vocábulo significa ter conhecimento junto com outros, ser dotado de sabedoria em

conjunto, nunca de forma isolada, o que já deixa muito transparente que, este sentimento decadente foi imposto a todos os outros, de maneira inconsequente, mesmo àqueles que jamais tiveram qualquer ação de injustiça contra quem quer que seja, sendo seu ato mais bizarro o fato de terem nascido. Assim, criam a culpa original, aquela que, uma vez cometida por um antepassado histórico, ser que deu origem a toda a humanidade provocou e despertou o espírito originário de miséria, porque todos descendem, diretamente dele.

Este ser foi chamado de Adan [*o primeiro homem*] que, quando cai em desgraça, carrega todo um sentimento primitivo de culpa, porque não pode perdoar a si mesmo pela ofensa provocada, em decorrência de sua inusitada desobediência, ou seja, todo um escopo de violência contra o espírito humano é montado em uma linha vertical da qual ninguém escapa ileso. A lembrança na vida no paraíso, que somente este ser viveu e ninguém mais povoa o imaginário humano de tal forma que se transforma em um estado psicótico esquizóide. Não admira o filósofo alemão ser tão feroz em sua argumentação de que esta má consciência foi uma doença da qual o ser humano jamais conseguiu ver-se liberto.

De forma que, para manter estruturada toda a sua condição de culpa, o homem é forçado a lembrar-se de algo que não viveu, em nenhum momento de sua existência, onde a culpa trágica se implanta sobre o espírito, formando um ser que apenas vive em constante estado de tragédia existencial. Suas memórias são sua condição de tortura, instrumentos dos quais não consegue, e nem pode fugir, porque preso por sua cultura e pela tradição, estas que o condiciona a assim estar, agir e sentir.

Fora deste escopo diabólico, a “Memória é fluxo, tanto na condição criadora quanto na reprodução do mesmo

diante de estagnações. Não obstante, existem paralisações neste fluxo quando, em decorrência de uma experiência traumática, o passado invade a consciência tendo efeito paralisante e mobilizador. Nessas condições, estamos diante das afecções psíquicas, num tipo de acontecimento ocasionado pelas marcas da memória que se antepõem ao fluxo criativo. A essa estirpe [*sensual*] pertencem os estados melancólicos que, no seu caráter ambíguo, produzem a inibição, sendo a memória convocada a reconstituir tal experiência dolorosa no [*simples*] intuito de promover uma significação.”¹⁷

Se tomar o pensamento desta autora, partindo do entendimento de que a memória, no caso de uma violência sofrida [*qualquer tipo que seja*] por determinado indivíduo, atua como uma forma de busca por um entendimento na necessidade de equilíbrio emocional, tem-se assim que, o lembrado é um fator significativo e o fenômeno da lembrança constante, repetida e na mesma condição, sem alterações é pelo fato de que o cérebro desta criatura esteja em busca de significado para o que lhe ocorreu. Neste caso, a memória estaria a serviço de quem?

Esta situação ajuda a lançar um pouco de luz sobre o que os gregos preconizaram em duas figuras divinizadas e antagônicas quanto aos sentidos da vida e da existência, Apolo e Dioniso e que, mais tarde, Nietzsche viria a tratar, de forma única, como sentidos existenciais, o que ajuda a compreender esta situação traumática que leva os humanos a sofrerem agruras de suas próprias instâncias psicológicas, sem compreender que a vida e a existência humana são regidas pelos preceitos apolíneos, a justeza, o equilíbrio e a harmonia. Não encontrando uma resposta que satisfaça ao

¹⁷ VIANNA, Gláucia Regina. *Estados melancólicos: o poder da criação nas ruínas de memória*. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010, p. 40.

Ego, o cérebro impossibilita ao seu mecanismo mnemônico de lançar as condições naturais de esquecimento, ainda que a situação sendo re-vivida, de maneira constante, desperte o sofrimento, a angústia, a dor e a melancolia sobre o paciente.

O Ego entra em distonia e, assim, continua a exigir explicações para o que não compreende, mas que lhe ocorreu e não entrando em sintonia, busca um estado dionisíaco de ser e estar, o que provoca ruínas as mais diversas e comportamentos excessivos, afundando em todos os tipos de vícios, sendo o mais comum, porque aceito socialmente e mais barato o álcool. Estar embriagado é estar semiconsciente, portanto, com as fronteiras entre a memória e o esquecimento frouxas o suficiente para não exercerem nenhum tipo de peso contra o indivíduo, seja fazendo-o lembrar da situação traumática, seja, obrigando-o a esquecer da situação de tormento.

Sendo assim, a pergunta sobre a quem está servindo o interesse e a ação da Memória é estranha e de resposta muito mais complexa do que se pode sequer imaginar, porque, de fato, está a serviço do Ego; no entanto, a um Egodistônico, não apolíneo e, também, não dionisíaco, uma vez que o primeiro representa o estado natural de ser da *Physis* Humana; o segundo, um estado artificial de ser e de estar, produzido a fim de romper com a dor provocada pela insatisfação causada por não se conseguir atingir o princípio apolíneo, de maneira integral.

Nisto, porque o esquecimento? Sem ele, haveria mais dor e sofrimento e, Nietzsche está certo, quando diz que o homem seria muito pouco moral? A julgar pela construção ética da sociedade na qual estamos imersos, a dor somente aumentaria a cada tentativa de corrigir o estado anterior de ação, provocando uma crise que se sobreleva sobre o espírito de modo exponencial.

Muito além do aspecto fisiológico cerebral, que não suportaria uma carga de lembranças *ad infinitum*, sobrexiste o aspecto emocional, em que a única alternativa para a solução do problema seria a morte, o que criaria outro problema social ainda mais pesado e conflituoso: o suicídio. A vida moderna, civilizada e preconizada nos moldes religiosos institucionalizados, fez com que a memória se tornasse o instrumento de tortura mais eficiente e eficaz de toda a história e o esquecimento, uma vergonhosa forma de perdão e tentativa de livramento da justiça e do castigo.

Acontece que a instância da memória, em dados acenos antropológicos e conscientes, pode ser interpretada como uma forma de promover o bem-estar humano e o esquecimento, uma compreensão do equilíbrio harmônico inconsciente, em que aquilo que não é mais rememorado, não quer dizer, simplesmente que sobre ele não exista sentimentos profundos; revela apenas que não incomoda a situação consciente do indivíduo, porque em sintonia com o Ego.

Sobre os traumas, nem todo ele será permanente na consciência; no entanto, o comportamento do indivíduo pode dizer muito sobre sua atuação nos bastidores do seu mundo intrapsíquico, ou seja, pode acontecer de que este não se lembre de algo perverso que tenha ocorrido em sua vida em dado momento, até mesmo por uma simples questão de preservação e manutenção da economia psíquica, podendo ser tratado como algo trivial e que não fosse capaz de afetar a alguém com intensa profundidade, a ponto de provocar um tipo singular de dor e de sofrimento, de tal forma que se revelasse em comportamentos abusivos.

Tudo isto pode ser interpretado como formas de fazer o consciente lembrar-se de que existe um problema e que este necessita ser, devidamente, solucionado, com determinada urgência e que a procrastinação eterna nesta

condição produz um tipo de sofrimento muito estranho e incompreensível para o paciente, porque funciona como se algo estivesse fora de sintonia, sem determinar o que, realmente é. É este estado de obscuridade que fomenta a dor e o sofrimento, muito mais que a causa destes, em si. Quando a situação conflitante é retirada da escuridão e trazida à memória consciente, torna-se possível lembrar, não apenas do fato acontecido, mas dos sentimentos que estiveram envolvidos no ocorrido, possibilitando, assim, aproximar de se compreendê-los e trabalhá-los da maneira mais adequada à situação em si. Desta forma, chega-se ao entendimento transparente de que Memória e Esquecimento são instâncias determinantes para o equilíbrio psicológico humano.

A partir deste entendimento singular, pode-se chegar à conclusão de que “a memória é a vida do espírito por excelência”¹⁸, ou seja, ela atua determinando o limite entre o equilíbrio e o desequilíbrio na vida e na existência dos seres humanos; mas, o que mais desperta a atenção é sua constante busca na tentativa de encontrar o significante para aquilo que não se encontra em harmonia com o ser.

A partir destas interpretações psicológicas, surgem novos questionamentos e para os quais não se detém muitas respostas em curso, nem mesmo condições de se elaborar hipóteses contundentes que possam vir a serem transformadas em teses, a curto prazo, destacando, entre elas, qual a real função da memória e do esquecimento na existência humana? Tudo o que já foi descrito acima, apenas aproxima de um entendimento, lançando um feixe de luz sobre um ambiente escuro [*parafraseando Freud*], mas que não esclarece o porquê de assim ser. Não se trata

¹⁸ VIANNA, Gláucia Regina. *Estados melancólicos: o poder da criação nas ruínas de memória*. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010, p. 40.

de, simplesmente, buscar um significado para as memórias traumáticas, uma vez que ao se alcançar este fundamento, o que se tem a seguir é a busca pelo significante, podendo ter-se a ilusão de que ambos se concatenam de forma transparente e assim não o é, porque o cérebro pode guardar muito mais profundamente e fora do alcance da consciência o verdadeiro motivo e o causador do conflito, até que se tenha força o suficiente para confrontá-las e resolvê-las, dado que, de aí em diante não necessitará mais conviver com as mesmas, porque, aos poucos, estas serão apagadas e relegadas ao esquecimento convencional e maduro.

Tudo aquilo que se pode dar a interpretar, de mais fenomenológico, disto tudo, é que ambos, a memória e o esquecimento são construções da *Physis* a fim de proteger o ser humano e suas emoções de situações traumáticas que ocorreram a seus antepassados que viveram em épocas bastante remotas e que, por causa do desenvolvimento filogenético a que está submetida toda a espécie, houve transmutações de sentimentos que atravessaram eras distintas, sobrevivendo da mesma maneira que os instintos mais primitivos ainda sobrevivem nos animais considerados inferiores. Entretanto, novos questionamentos são postos em evidência e, o mais intrigante dentre eles é: *Por que proteger as emoções de distorções provocadas pelos acontecimentos fatídicos que, invariavelmente afeta o ser humano?* Quando o cérebro determina qual dos dois elementos vai entrar em ação, a fim de preservar o equilíbrio econômico da psique, decidindo entre a função da Memória e a função do Esquecimento?

Quando pensadores como Freud, Nietzsche e tantos outros argumentam que a psique humana é um espaço sobre o qual, muito pouco ou quase nada ainda se sabe, especialmente quanto ao seu funcionamento, há quem

venha tentar contradizê-los alegando que as neurociências avançaram o suficiente para compreender como o homem pensa e age e que impulsos o motivam para tal ou qual direção. Ocorre que, o que estes mestres compreenderam antes de qualquer outros foi que existe uma força misteriosa que rege toda a vida e a existência para além do que este possa se dar conta do que, realmente, acontece em seu mundo intrapsíquico.

Até aqui, abordou-se a questão da memória e do esquecimento e tudo o que foi alcançado, em termos de conhecimento, são muito mais questionamentos do que esclarecimentos, pontos que podem ser explorados a partir de então, como forma única de ampliar as perspectivas de aprendizagem, abrindo espaço para a aplicação do intelecto e a produção de novos saberes, sem que nada do que vier a ser encontrado interfira na condição de vida dos indivíduos ou em como a *Physis* cuida de proteger suas criaturas e também, como exige deles que mantenham o equilíbrio psicoemocional.

Tudo isto conduz a pensar que a função da memória vai muito além de auferir uma identidade ao ser humano, esta que lhe é dada pela geração precedente e, cabe-lhe apenas não esquecer dela, ou seja, deve lembrar-se sempre de quem é, de onde veio e de quem é originário, preceito que os homens da Antiguidade guardava com muito esmero. Sempre que eram interrogados sobre suas respectivas identidades, diziam, logo após os seus nomes de batismos, quem fora seu pai ou referia-se à família da qual descendia.

Esta é uma vinculação física do uso da memória, em que o indivíduo está ciente de sua ação e do uso que faz da mesma, a fim de impor-se ou livrar-se de algum atentado contra sua vida; sendo, em alguns casos até mesmo expressão de vaidade. Mas, e tudo aquilo que se esconde para além da capacidade de percepção humana, de modo

consciente? Porque eis aí que se situa o maior de todos os problemas, uma vez que, não havendo percepção do que se passa não como analisar, interpretar, compreender e muito menos produzir sínteses dos fenômenos ocorridos, restando sempre resultados de comportamentos observados e não de fenômenos subjetivos; estes, no máximo, podendo ser deduzidos, de modo abstrato, depois de longa e intensa atividade intelectual interpretativa.

Com o [muito] pouco que a *Physis* permitiu até este momento, que se compreendesse sobre a memória e o esquecimento, pode-se deduzir que ambas as instâncias possuem funções orgânicas e psicológicas de equilíbrio emocional e intelectual e, a partir deste último resulta o cognitivo e a construção da inteligência abstrata; mas, o que se pode observar é que, mesmo tomando todo o cuidado para que isto não ocorra, termina-se sendo conduzido para o campo do pragmatismo, em relação às funções da memória e, subrepticamente, a condenar o esquecimento.

Sendo assim, como atuar, para que se possa chegar a uma condição fidedigna de interpretação das funções destes dois componentes humanos que são, diretamente, responsáveis pela sobrevivência do gênero humano, em meio a um mundo hostil e complexo, para o qual ainda não se alcançou uma autêntica potencialidade de interpretação, conseqüentemente, mostrando-se impossibilitado de ser compreendido, minimamente que seja?

No pensamento de H. Bergson, a memória vai se concatenar com o tempo físico e psicológico, de forma a dar um perfil pragmático à experiência humana. Assim que, em sua concepção, “a memória intervém de forma criativa fazendo parte do processo de mudança à medida que coincide com a experiência do tempo. Assim, tem-se duas linhas no pensamento de Bergson: 1) a que relaciona a memória com duração, quer dizer, com fluxos contínuos na criação e, 2) a que relaciona as

paralisações com aprisionamento da experiência, como ocorre na vinculação da memória com o afeto.”¹⁹

Este autor apresenta uma situação dual para que se possa [*tentar*] compreender a memória e seus mecanismos de funcionamento e, o que fica muito evidente é que não compreendeu a sua função; assim apresenta sua condição paradoxal em que, tem-se, no primeiro momento de sua exposição, colocando-a como a mola propulsora do avanço científico e do avanço tecnológico, ou seja, vincula-a ao pragmatismo existencial e no segundo momento, vincula-a à subjetividade superficial, onde esta termina manipulada pelo indivíduo de forma a satisfazer o seu ego.

Não se conseguiu compreender que este poder de manipulação, agregado às emoções é uma situação única de felicidade e sensação extrema de potência pelo homem, simplesmente, porque ignora que aquilo que consegue distorcer e manipular de suas lembranças é o que o seu inconsciente permite que tenha acesso de forma consciente, ou seja, Spinoza continua certo em seu argumento que, a noção de livre arbítrio do homem provém do fato de ignorar as forças secretas que governam sua vida e sua existência.

Aproveitando-se desta condição de ignorância sobre o funcionamento da memória, muitos cientistas construíram interpretações ao bel prazer que a maioria compra, sem questionar, seja por conveniência, seja por preguiça de pensar ou ainda, por não deter o devido nível intelectual que a tarefa exige, para que se possa aproximar de uma compreensão mais profunda.

O que se consegue entender, de fato, é que tudo é humano, demasiado humano e este entendimento, por si só, já basta para tornar a coisa muito além do que se pode ter

¹⁹ VIANNA, Gláucia Regina. *Estados melancólicos: o poder da criação nas ruínas de memória*. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 41.

consciência e quem o consegue, ao menos, aproximar-se ainda mais, tem a sensata percepção de que ambos os componentes, a Memória e o Esquecimento não podem ser, sequer, pensados fora da estrutura gnosiológica que forma o estofamento humano. Mas, questões como se aquele que possui boa memória, capaz de lembrar-se de coisas de sua vida, em detalhes é mais feliz que aquele que esquece [*de quase*] tudo que lhe acontece ou vice-versa, continuam a perseguir o espírito de todos os humanos e, a certa altura, um sogro que não conseguia perdoar ao seu genro pela morte prematura da filha, lhe revela sobre a felicidade com que recebia a doença de Alzheimer [*como se aquilo fosse uma dívida dos deuses*] porque esqueceria, primeiro que perdera a sua única filha e depois que ela havia, um dia, existido; mas, até que este último instante chegasse, viveria feliz com a lembrança ilusória de que sua amada herdeira ainda estava viva; no entanto, em seu mundo, aquela ilusão seria real. Ele revela que, no fim, havia um motivo para ficar feliz e agradecer por sua doença.

Em que momento da história o esquecimento foi privilegiado? Os gregos o colocaram [*ou o baniram*] no Hades, no submundo, nos reinos inferiores, como a figura de um rio, mas que havia um trocadilho na expressão para atravessar o Rio Lettes, o rio do esquecimento, conduzido pelo barqueiro Carontes, que era cair em lettes e não cair no lettes, o que já demonstra que quem, por azar mergulhasse naquelas águas terminaria esquecido para sempre e assim, muitos foram lançados no rio do olvidamento, como punição por seus crimes e, para os homens da Antiguidade isto era um castigo terrível, porque acreditavam que a alma era dotada de apetites da mesma forma que o corpo e, uma vez abandonada ao esquecimento, padeceria de fome por toda a eternidade.

Para o homem da Antiguidade Clássica, cair em esquecimento equivaleria a uma morte iminente, de igual forma esquecer das coisas ruins era negar que haviam existido. Possivelmente, foi esta leitura que os homens da modernidade fizeram e, a partir disto, acabaram por eleger o esquecimento como a coisa natural e a memória como antinatural, tornando-se um tipo de fala comum nos dizeres de aconselhamento que 'procure esquecer tais coisas'. Acabou que, uma vez desprovido dos costumes e dos ritos purificatórios/expiatórios, a memória tornou-se um peso *ad absurdum* para o homem.

O cristianismo corrompeu a noção ateniense de memória quando cria a condição de redenção²⁰. Enquanto que para os gregos da *pólis*, a lembrança era algo divino, sacralizado, uma exaltação ao desejo de imortalização, para os cristãos tal sentimento tornou-se vaidade, logo deveria ser combatido e suprimido, violentamente, por meio de uma vida de pouca exaltação e extremada submissão. A começar que tal condição era interesse da República Romana quanto aos seus súditos. Com a implantação da rendição, o indivíduo deveria lembrar-se de sua culpa para que com tal ação não corresse o fino risco de incorrer em *hybris*. Partindo aqui, do princípio de que as doutrinas cristãs foram criadas por figuras neuróticas e com uma carga tão elevada de culpa, que era mesmo capaz de transformá-los em verdadeiros doentes mentais.

Com isto, pode-se notar que, para os antigos, o esquecimento era a forma de tortura mais eficiente a que se poderia condenar um homem, diferentemente do que veio a acontecer, tempos depois, em que houve uma inversão de

²⁰ A expressão redenção origina-se do ato de soltura de um escravo, que ocorria no primeiro século mediante o pagamento de um preço. A palavra foi empossada pelos cristãos da igreja primitiva para designar a libertação da escravidão do pecado por meio da obra redentora de Jesus Cristo.

valores e a memória é que passa a se prestar a tal serviço. Somente um escopo analítico antropológico pode conduzir a tal entendimento sobre como se manipula os elementos constitutivos da *Physis* humana, servindo a interesses, puramente políticos e de dominação. De forma que a memória foi transformada em um mecanismo de construção artificial, moral, impositiva, a fim de que o ser humano pudesse manter-se ligado a um destino inexorável, este que fora criado a partir do ultrajante processo civilizatório, o que conseqüentemente acabou por colocá-lo na vanguarda da neurose.

Ainda na atualidade, muitas situações pedem que o indivíduo esqueça o ocorrido com sua pessoa, a fim de que possa viver em paz, entendendo que a dor advinda das suas memórias o fariam não encontrar-se dentro de padrões aceitáveis socialmente e tal condição o conduziria a um duplo padrão de sofrimento; primeiro, por não dar conta do que aconteceu; depois, por não se ajustar e terminar expulso ou marginalizado em seu próprio espaço e em qualquer outro que tentasse se encontrar.

Freud interpreta o processo evolutivo do gênero humano como sendo semelhante a camadas que vão sendo sobrepostas, umas sobre as outras; mas que, na essência mantêm-se, no espírito primitivo aquilo que as originaram. Em sua concepção, nada se perde, nem se transforma. Freud afirma que, com relação ao psíquico [*existe uma imensa possibilidade de que*] nada se perca, tudo [*o que acontece*] se conserva: “Todos os elementos essenciais são preservados, mesmo que [*muitas coisas vividas*] parecem completamente esquecidas estão [*ainda*] presentes de alguma maneira e em algum lugar, e simplesmente foram enterradas e tornadas inacessível ao indivíduo. Na verdade,

como sabemos, é possível duvidar de que alguma estrutura psíquica possa realmente ser vítima da destruição total.”²¹

Freud, por mais que tenha se debruçado sobre a questão intelectual humana, abrangendo a óptica subjetiva, seus fundamentos estavam centrados na fisiologia e sob este viés científico, procurava explicar os acontecimentos da vida e da existência do homem. No entanto, foi o que mais se aproximou de esclarecer as funções do esquecimento em favor da proteção da sanidade psíquica e à memória, em suas hábeis mãos, coube o trabalho de auxiliar na cura de seus pacientes neuróticos e infelizes, por não saberem o quê e nem o porquê lhes ocorriam tais pensamentos e situações, não tendo nenhuma lembrança de algum fato que pudesse ter feitos deles as criaturas insensatas que se tornaram.

Esta, talvez seja a real função da Memória, conferir felicidade e condições dignas de vida àqueles a quem o Esquecimento falhou em proteger de uma dura existência miserável, aterrorizados por suas lembranças infames. O que se pode compreender de tudo isto e do que foi discutido até aqui, é que mesmo que nada, nenhum fenômeno, uma vez ocorrido possa ser, literalmente, destruído, existem mecanismos de elaboração intelectual que agem para sublimá-los e neste processo, tudo se transforma, fazendo com que o indivíduo acredite que aconteceu conforme ele se lembra.

²¹ FREUD, Sigmund. (1937). *Construções em Análise*. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Volume XXIII, pp. 277-8.

CONCLUSÃO

Ao longo deste livro, procurou-se tratar a Memória e o Esquecimento a partir de uma crítica nietzschiana, em que se analisou quais os fundamentos de um e de outro, pautado sobre um terreno antropológico e não psicológico, este último espaço sendo alcançado porque tudo o que se refere ao homem remete a seu mundo intrapsíquico que busca formas de manter-se equilibrado e garantir a saúde e a economia psíquica do ser humano. Ao final, tem-se mais questionamentos que respostas e para cada um destes, novos horizontes se abrem, na expectativa de compreender qual o papel de cada um destes entes para a definição do homem como um ser da *Physis* e não o seu criador ou manipulador.

A própria Psicanálise de Freud trabalha utilizando a força mnemônica como forma de atenuar o sofrimento, num processo de cura, a longo prazo, uma vez que extrai das maiores profundezas do *Letes* as lembranças que foram suprimidas pelo inconsciente do indivíduo num apelo social como forma de evitar e/ou negar o sofrimento.

A *má consciência*, que em Nietzsche, pode ser aqui, interpretada como *culpa*, está diretamente vinculada à capacidade de se lembrar dos fatos, à memória, de não conseguir lidar com o esquecimento, uma vez que entende que praticou alguma coisa contra alguém ou contra a cultura ou contra a tradição e não consegue compreender que estes rompimentos com os ditames pré-estabelecidos são parte da essência humana, da existência, do movimento da própria vida em si.

Que outras surpresas os estudos sobre a memória e o esquecimento reservam, à medida que se aprofundar nas buscas por respostas, entendimentos e compreensões mais

acuradas é um mistério que somente pode ser desvendado à proporção que se insira neste mundo obscuro.

REFERÊNCIAS

BUENO, José Lino O. *Efeitos da sinalização e do não-reforçamento sobre o repertório comportamental do rato*. São Paulo, 1977. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Escala, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006.

GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

SALOMÉ, Lou-Andreas. *Nietzsche em Suas Obras*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

O Autor



SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

Graduado em Filosofia e Sociologia. Psicanalista. Doutor em Ciências Pedagógicas. Pós-Doutor em Psicologia.



"A *má consciência*, a mais sinistra e mais interessante planta da nossa vegetação terrestre, *não* cresceu nesse terreno - de fato, por muitíssimo tempo os que julgavam e puniam não revelaram consciência de estar lidando com um *culpado*. Mas sim com um causador de danos, com um irresponsável fragmento do destino. E este, sobre o qual, também parte do destino, se abatia o castigo, não experimentava outra *aflição interior* que não a trazida pelo surgimento súbito de algo imprevisto, como um terrível evento natural, a queda de um bloco de granito contra o qual não há luta" (F. NIETZSCHE - *A Genealogia da Moral*, 2007, p. 30).

ISBN 978-658459917-8



9

786584

599178


Editora
UNIESMERO